

PRESENTAÇÃO

Don Eusebio Muñoz,
O Delegado do Reitor-Mor para a Família Salesiana

Cumprimento-os de coração e desejo que este cumprimento chegue a todos os membros de seus grupos. Este é um momento particularmente oportuno para cumprimentá-los e saudá-los, porque nestes dias compartilharemos muitos valores, relevantes para nós e para os nossos grupos de pertença. Esta reunião converte-se, ano após ano, num convite especial que Deus nos apresenta para realizar uma rica experiência de comunhão humana, cristã e salesiana.

Estes “Dias” ajudam-nos a ter uma consciência mais clara do que significa a nossa pertença à Família Salesiana. Nestes dias, teremos a oportunidade de um encontro especial com o Reitor-Mor, centro de unidade e de comunhão da Família Salesiana. Refletiremos juntos sobre a Estreia, importante mensagem anual com que o Reitor-Mor nos presenteia. Conheceremos melhor os outros grupos. Encontraremos pessoas vindas de muitos lugares com quem temos uma surpreendente afinidade espiritual. Entenderemos melhor que aquilo que o Espírito fez com Dom Bosco se repete em nosso tempo.

O conjunto deste encontro também pode iluminar o nosso desafio constante à formação. Os conteúdos, as experiências dos nossos grupos, a partilha da interioridade de tantas pessoas, a oração em comum e o ambiente salesiano representam uma boa síntese do que chamamos formação e podem iluminar a formação que damos em nossos grupos. Formação que nos permite responder adequadamente às diversas situações que a vida nos apresenta.

Estes “Dias”, neste ano, centram a atenção sobre a família. Muitas pessoas esperam-nos porque precisam de um acompanhamento especial nestes anos tão complexos. Olhar para a família converte-se para os nossos

grupos num desafio ao qual precisamos responder com generosidade e sabedoria. Esta reunião também haverá de nos sugerir muitas razões para melhor consolidar a resposta que somos chamados a dar.

Enfim, este encontro permite-nos, sobretudo, reforçar a experiência que nos trouxe a Roma. Estou convencido de que este encontro nos permitirá tornar nossa a interioridade de muitos crentes. De modo especial, penso que será intensa, também para nós, a convicção interior que Nossa Senhora teve depois da saudação do Anjo. Desde o início até a conclusão destes dias agradeçamos ao Senhor que também para nós está realizando maravilhas. O nosso grande grupo testemunha a força de Deus, que é capaz de curar profundamente as pessoas e de transformar a sociedade.

Convido-os, pois, a participar ativamente deste significativo encontro. Voltando aos seus lugares de origem, poderão contar aos outros a experiência vivida e, o quanto possível, também levar para eles aquilo que viveram nestes “Dias”, podendo enriquecer o caminho trilhado pelos seus grupos.

Ponho nas mãos e no coração de Dom Bosco e de Nossa Senhora Auxiliadora estes “Dias”, preparados com muito entusiasmo e dedicação.

Desejo-lhes um sereno e fecundo trabalho.

P. Eusebio Muñoz

O Delegado do Reitor-Mor para a Família Salesiana

A experiência familiar de Jesus de Nazaré

Filho de Maria, Filho do Pai

Juan José Bartolomé, professor de sagrada escritura

Se é verdade que Jesus Se apresenta como modelo de obediência a seus pais terrenos, submetendo-Se a eles (cf. Lc 2, 51), também é certo que Ele faz ver que a escolha de vida do filho e a sua própria vocação cristã podem exigir uma separação para realizar a entrega de si mesmo ao Reino de Deus (cf. Mt 10, 34-37; Lc 9, 59-62). Mais ainda! Ele próprio, aos doze anos, responde a Maria e a José que tem uma missão mais alta a realizar para além da sua família histórica (cf. Lc 2, 48-50). Por isso, exalta a necessidade de outros laços mais profundos, mesmo dentro das relações familiares: «Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 8, 21).¹

1. Os dados

Excetuando-se os chamados *evangelhos da infância* (Mt 1,18-2,23; Lc 1,5-2,52), a tradição evangélica apenas menciona a família de Jesus. E quando o faz, não parece apresentá-la muito favoravelmente: iniciado o ministério na Galileia, Jesus foi tido por louco “pelos seus”, os quais tentaram fazê-lo regressar a casa (Mc 3,20-21; cf. Jo 10,20); quando visitou Nazaré, “*concidadãos, parentes e os da sua casa*” não acreditaram nele (Mc 6,4). Enquanto pregou o Reino de Deus, não contava com nenhum familiar entre os seus seguidores (cf. Jo7,2-5). Somente o quarto evangelho recorda a presença da mãe, junto a Jesus e seus discípulos, durante uma festa de casamento em Caná da Galileia, no início de seu ministério público (Jo2,1-12) e, ao final, durante sua agonia e morte na cruz (Jo19,25-27; cf. Mc 15,40-41; Mt 27,55-56; Lc 23, 49.55).

No entanto, não foram seus familiares que se distanciaram de Jesus, foi o próprio Jesus quem, ao largo de seu ministério público, adotou uma atitude “aparentemente anti-familiar”.² E não apenas com a sua própria família (Mc 3,31-35; Mt 12,46-50; Lc 8,19-21), senão também com as famílias de seus discípulos, aos quais impôs romper com elas em consequência imediata de

¹ PAPA FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, n. 18

² S. GUIJARRO, “La familia en el movimiento de Jesús”, en ID., *Jesús y sus primeros discípulos*, Verbo Divino, Estella, 2007, 145.

seu chamado ao seguimento (Mc 1,20; 10,28-30) ou, inclusive, como condição para iniciá-lo (Lc 9,59-62; 12,52-53; 14,26).³

Apesar dessa profunda reserva que Jesus manteve em relação à vida familiar, sua e dos seus, a tradição evangélica transmite suficientes episódios que a valorizam positivamente. Reivindica o dever de honrar os pais (Mc 7,6-13) e defende a indissolubilidade do matrimônio legítimo (Mc 10,2-12; Mt 19,2-12; Lc 16,18). Anima a acolher e abençoar as crianças de outras pessoas, algo bastante incomum em seu tempo (Mc 10,13-16; Mt 19,13-15; Lc 18,15-17). Envia seus discípulos a anunciar o evangelho às famílias e a permanecer em suas casas (Mc 6,10; Mt 10,12-15; Lc 10,5-7). E ele mesmo, durante todo seu ministério público, manteve relações de amizade com algumas famílias, aceitando sua hospitalidade (Mc 1,29-31; 11,11; 14,3; Lc 10,38-42; Jo 11,1-45). Chegou, inclusive a apresentar a relação familiar como modelo e meta do discipulado (Mc 3,31-35) ou como sua melhor recompensa (Mc 10,28-30).

Como explicar essa evidente ambiguidade de Jesus com a família, a sua e a dos outros?

2. A instituição familiar nos tempos de Jesus

Jesus de Nazaré viveu e morreu no seio de uma sociedade agrária que, imersa na cultura do mediterrâneo, considerava a família como a instituição social básica. Organizada para promover autossuficiência e proteção a seus membros, se articulava através de uma rede hierárquica de relações, nas quais dominava entre seus membros não apenas o carinho, mas principalmente a autoridade paterna. A vida familiar se desenvolvia especialmente em casa, lugar onde habitavam seus membros, que tinham especial cuidado em preservar os costumes e as tradições do grupo familiar.

A família procurava salvaguardar a identidade dos indivíduos e a continuidade do grupo, mantendo a vida sobre a terra e depois da morte, através da memória de sua descendência (Eclo 30,4; 44,10-11; 46,12). Ponto de referência fundamental para seus membros, a família lhes proporcionava um preciso e diferenciado *hall* social, por ela os indivíduos eram integrado à sociedade. Promovia-lhes e custodiava boa fama e assegurava os meios de produção (bens materiais, um trabalho) e um

³ Por este motivo, resulta chocante que uma postura tão radical, assumida pelos que conviveram com ele até sua morte, não se mantivera no grupo dos discípulos depois da ressurreição: as gerações que criaram o NT não compartilharam da posição ambígua, quando não contrária, de Jesus em respeito à instituição familiar e terminaram por organizar-se segundo o modelo familiar.

patrimônio para viver (herança, honra). Essa coesão e solidariedade grupal facilitavam manter as autoridades instituídas, civis e religiosas.

A família era definida, e dominada, pela figura paterna, cuja autoridade no lar era quase absoluta (Eccl 7,18-28). A honra da família, patrimônio de todos os seus membros que se sentiam obrigados a defendê-la; e um profundo sentimento de pertença a mantinham unida. Os homens adultos (varões) gozavam de maiores privilégios; eram os responsáveis em manter a honra dos pais, vivendo sob sua autoridade (Eccl 3,11; cf. Êx 20,12; Dt 5,16; Lv 19,3). A relação entre pais e filhos varões era estreita e permanente, pois nela se baseava a continuidade da família. Mulheres e crianças dependiam da sua relação com o pai, sem cujo favor e subordinação não poderiam sobreviver. Até que os filhos varões não alcançassem a maioridade, a relação com a mãe era muito estreita e influente no cotidiano. Viúvas e órfãos caíam em uma situação muito precária, pois a família era a única possibilidade de se obter proteção e ajuda - exceção feita à caridade pública.

A terra, bem limitado e unidade básica de produção, era, na Palestina do primeiro século, o principal sustento econômico. Patrimônio familiar por excelência, as leis pretendiam que sua posse se mantivesse sempre junto à parentela mais próxima; entretanto o processo de concentração da propriedade em poucas mãos era um fenômeno crescente em uma sociedade rigidamente estruturada, na qual a rígida separação por classes dificultava a mudança de status social e a prosperidade das famílias com menores condições. Entre estas, deve-se inserir a família de Jesus, visto que seu pai, José (Lc 4,22), foi artesão de profissão (Mt 13,55) como teria sido Jesus, igualmente (Mc 6,3).

Nos tempos de Jesus, as famílias se distinguíam pelo lugar onde habitavam, o número de membros que abrigavam, a capacidade de assegurar ajuda e proteção à parentela, a quantidade de terras que possuíam e, em consequência, a classe social a que pertenciam. A maioria, formada por famílias de camponeses e trabalhadores, estava constituída por famílias nucleares, viviam em adobe, com madeira e ramagens como revestimento; dentro das quais encontravam abrigo tanto pessoas como animais.

Crianças e adolescentes, se não pertenciam às famílias mais favorecidas, estavam entre os grupos mais desfavorecidos da sociedade. O trabalho infantil era um elemento, social e economicamente necessário. A partir dos seis anos as crianças encontravam trabalho em seu próprio distrito ou no campo, junto ao pai e irmãos maiores; para a maioria, o trabalho manual era a única formação que receberiam por toda a vida. O tempo de trabalho era de sol a sol; quando se trabalhava fora de casa a remuneração inicial

era apenas alguma refeição, mais tarde com um pequeno salário. Às vezes, o trabalho dos filhos pequenos servia apenas para saldar as dívidas do pai.

A infância era vista como uma etapa de transição na qual as crianças tinham de abandonar sua imaturidade e dependência a fim de assumir o sua responsabilidade em relação à lei divina; a obediência a Deus, mas que a inserção social, era o verdadeiro objetivo. Este caminho, acompanhado pela educação basicamente oral e familiar (Pv 1,8), não era poupado de severidade e dos castigos (Eclo 30,12; Pv 13,24; 22,15; 23,13-14). Cuidar do pai atraía bênçãos, depreciá-lo era uma fonte de males (Eclo 3,8-16); desobedecê-lo, poderia significar até mesmo a morte (Dt 21,18-21; 27,16).

A obrigação dos pais era ensinar (Pv 4,1-4) e transmitir a fé do povo (Ex 12,26-27; 13,14-15; Dt 6,20-24; Js 4,6-7.21-23). Em família se aprende um trabalho, a forma de relacionar-se com o meio e, sobretudo, as tradições do povo (Dt 32,46-47). A leitura, a repetição e a memorização da Lei era o instrumento normal de aprendizagem; seu objetivo, a interiorização da história do povo e da Aliança. A família era, portanto, o lugar primário de socialização e de identificação para uma criança; nela e através dela, a criança participava ativamente na religião e na vida social.

Para o menino, a maioridade se iniciava aos 13 anos (Gn 17,25), idade que assinalava o fim da educação e o início da responsabilidade social. Enquanto o pai vivesse, o filho não teria terras próprias, trabalhava com e para o pai. Honrá-lo era o segundo supremo mandamento (Ex 20,12; Ex 21,15.17; Eclo 3,2.8.16). O matrimônio era considerado obrigação: aos dezoito anos, para os varões; a partir dos treze para as meninas (m. *Ab* 5,21), este consumado, os filhos de desligavam um pouco de suas famílias, gozando de certa autonomia.

Atentar contra a vida de família ou simplesmente renunciar a ela, comportava a mais absoluta marginalização social. Sendo o grupo familiar o lugar primário da identidade, não ter casa própria significava viver socialmente estigmatizado. Quem vivia sem casa e sem teto (Lc 9,57-58), qualquer que fosse o motivo, se convertia em uma pessoa sem classe, que havia adotado um estilo de vida desonroso, itinerante (cf. Mc 1,14-39) e sem raízes (cf. Lc 9,57-60).

3. Jesus e sua(s) família(s)

Jesus viveu a maior parte de sua vida no seio de uma família de artesãos em Nazaré, uma aldeia sem relevância na Galileia (Jo 1,46). Tal enredo é muito importante: foi acolhido como filho, aprendeu a ser homem e se preparou para sua missão no seio de uma família de poucos recursos. Deus

escolheu para si uma mãe, para nascer homem (Lc 1,31-35; 2,7). E se dotou de uma família (Mt 1,18-21.24), para nela crescer e amadurecer (Lc 2,39-40.51-52).

A vontade de fazer-se humano impôs a Deus ter de converter-se em filho. Não só quis ser homem, teve que aprender a sê-lo; como nós, acolhido, educado e, durante a maior de sua vida, acompanhado por uma família. Foi sua livre opção, pois Deus não estava obrigado a nos salvar, muito menos a converter-se em um dos nossos para realizar essa salvação. Se o motivo da nossa salvação foi o amor que Deus nos tem, a encarnação foi o modo da sua realização e dotar-se de uma família a sua consequência lógica.

Uma família, em Nazaré, foi o lugar e a escola de humanização do Filho de Deus. Isto aconteceu durante a maior parte de sua vida, com exceção dos poucos últimos anos, (entre um e três) nos quais se dedicou por inteiro a anunciar o Reino de Deus. Ele passou a sua existência no seio de uma família; conhecido por todos como o filho de José (Lc 4,22; Jo 6,42), o carpinteiro (Mt 13,55), filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão (Mc 6,3; cf. Mc 3,31-35; Mt 13,55; Gl 1,19; 1 Cor 9,5). Deus não se contentou em “*nascer de uma mulher*” (Gl 4,4), quis contar com uma família donde crescer “*em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens*” (Lc 2,52).

Não passaria despercebido que para fazer-se homem, Deus teve de submeter sua vontade aos pais que escolheu para si. Teve que anunciar a seus pais o seu próprio nascimento e convencê-los, para que dessem seu consentimento. Maria e José aceitaram, mesmo que, antes de conhecer a proposta de Deus, que os queria converter em pais do filho, já tivessem optado por criar uma família (Lc 1,27; Mt 1,18). Aceitar a Deus, significou para eles, abrir espaço no mais íntimo de sua relação e renunciar a um projeto de vida comum já iniciado.

Tanto Maria como José, mesmo que de formas diferentes, como diversas foram suas implicações pessoais e funções dentro da família querida por Deus; tiveram de pagar um preço alto **por** ser essa família. Não o pagaram **para** sê-lo. Nunca mereceram: porque não se torna familiar de Deus quem quer, mas apenas àquele a quem Deus o propõe. A família de Jesus pagou, isso sim, um preço **por** ser, como consequência de ter a Deus como filho.

A tradição evangélica, com tanta descrição como honestidade, não ocultou os acontecimentos: já desde seu nascimento, mas sobretudo durante o período do ministério público, a relação de Maria com Jesus foi, cada vez mais, se tornando difícil e distante; uma situação que, se a nós continua a surpreender, Maria sequer pode entender: não houve outra saída para ela senão “*guardar tudo em seu coração*” (Lc 2,19.51).

Para conquistar seu consentimento e convertê-la na virgem mãe de seu Filho, Deus havia enviado a Gabriel com uma proposta irresistível (Lc 1,32-33: *«Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; reinará para sempre na casa de Jacó e seu Reino não terá fim.»*). Quando Maria deu a luz ao Filho de Deus em Belém e *“envolvendo-o em panos o reclinou no presépio, porque não havia lugar para eles na hospedaria”* (Lc 2,7), teve que deixar-se evangelizar por uns pastores desconhecidos a quem Deus havia enviado seus anjos (Lc 2,17). Quarenta dias depois, cumprido o tempo de sua purificação, ao apresentar o menino ao Senhor no templo, seguindo a lei de Moisés, um ancião lhes predisse um futuro pavoroso (Lc 2,35-36: *«Este menino será causa da queda e do soerguimento de muitos em Israel; será um sinal de contradição. Quanto a ti, uma espada te transpassará a alma.»*) Que bela maneira Deus tem de pagar pelos serviços prestados!

Ainda adolescente...

Um episódio decisivo para entender a posição ambígua do Jesus adulto com relação à vida de família pode ser encontrado na cena da perca de Jesus no templo (Lc 2,41-50), um curioso acontecimento que Lucas, o único evangelista que o transmite, situa ao fim da adolescência de Jesus. Mais do que o incidente familiar de fato, a perca de Jesus adolescente representa para o evangelista o pórtico narrativo idôneo para a crônica da missão pública de Jesus.

Em si mesmo o ocorrido poderia ter passado despercebido, ser considerado um caso normal. Os pais, aos quais o narrador considera autênticos pais, nada viram de especial em seu filho... até que, uma vez perdido, o tornaram a encontrar. Após o reencontro eles se percebem que seu filho sabe- e prefere- ser Filho de Deus: *“Porque me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai?”* é a primeira frase que Jesus, ainda adolescente, pronuncia no Evangelho (Lc 2,49).

A anedota, de caráter biográfico, visa assegurar a identidade de Jesus por sua relação filial com Deus.⁴ Sua estrutura narrativa é clara: a ação é situada em um contexto de festa anual em Jerusalém (Lc 2,41-42), donde, inexplicavelmente, Jesus desaparece (Lc 2,43-45). A reação dos pais, lógica e imediata (Lc 2,46-48), torna ainda mais surpreendente a resposta de Jesus (Lc 2,49), como o evangelista registra com bastante precisão (Lc 2,50).

O relato começa identificando os pais de Jesus como uma família piedosa (cf. Lc 2,27; 1 Sam 3,21; 2,19), subindo à Jerusalém para celebrar a páscoa, centra-se imediatamente na idade que Jesus tinha nessa ocasião: estava para completar treze anos e entrar para a maioridade. Esta anotação é

⁴ A filiação divina de Jesus não é uma surpresa para o leitor: havia sido anunciado pelo anjo no relato da Anunciação (Lc 1,35) e preparara pela declaração de Deus no batismo de Jesus (Lc 3,21-22). A novidade é que, neste trecho, seja o próprio Jesus adolescente quem o afirme sem rodeios.

decisiva: ele ainda não estava obrigado a subir à Jerusalém; mas era dever paterno habituar os filhos ao cumprimento da Lei, sobretudo, neste momento em que, tão próximo da vida adulta, o menino teria de viver submetido a ela (cf. Bill II 144-147). Assim, sua família o preparava para assumir, ainda adolescente, sua responsabilidade diante de Deus e dos homens.

⁴⁶ «Ao final de três dias o encontraram no templo, sentado em meios aos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas⁴⁷ E todos os que o ouviam se maravilhavam de sua inteligência e de suas ⁴⁸ Ao verem-no os pais ficaram admirados. E sua mãe lhe disse: Filho, porque fizeste assim conosco, olha que teu pai e eu estávamos aflitos à tua procura! »

A ausência de Jesus na caravana de retorno passa, em um primeiro momento, despercebida. E, no relato, permanece inexplicada. O texto nem sequer sugere a razão da permanência de Jesus no templo. Depois de três dias de angustiada procura, seus pais conseguem encontra-lo. No templo, e não entre parentes e conhecidos. Seus pais o encontraram sentado em meio aos doutores, como um deles, ouvinte e interlocutor em uma assembleia de mestres (cf. Lc 5,3; Mt 23,2; 26,55). O assombro é geral (cf. Lc 4,22), dada a capacidade de compreender e questionar (cf. Is 11,2; 1 Cr 22,12) do adolescente (cf. Sab 8,10). A sabedoria que o preenchia agora se fazia evidente (Lc 2,40). Conhece a vontade de Deus, sem tê-la aprendido dos rabinos.

À surpresa dos presentes se une a estranheza dos pais. E é a mãe quem toma a palavra (Lc 2,48), fato estranho e inesperado se o pai estava presente. Mais do que compartilhar a admiração dos presentes (Lc 2,47), a mãe se manifesta sentida pela ação do filho. Não demonstra alegria por encontrá-lo, pois seu comportamento a desconcerta e ela não oculta seus sentimentos. Suas palavras, escolhidas com cuidado, buscam uma explicação. Ela continua a trata-lo como criança, ao dirigir-se a ele como filho querido («*téknon*», cf. Lc 15,31; 16,25) e lhe fala de seu pai angustiado. Ela não se centra na própria angústia, privilegia a do esposo («*teu pai e eu, angustiados*»). E sublinha sua dolorida incompreensão: “*Porque fizeste assim conosco?*”, dando a entender, implicitamente, que não esperava semelhante comportamento. Poderia entender que se tivesse perdido na grande cidade, mas não que estivesse a conversar com letrados, admirados do seu saber.

⁴⁹ «E ele lhes responder: Porque me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar entre as coisas de meu Pai?» ⁵⁰ E eles não entenderam nenhuma palavra do que o menino dissera. »

A profecia de Simeão não demorou muito para começar a cumprir-se (Lc 2,35a: «*quanto a ti, uma espada te traspassará a alma*»). Na realidade, não foi ela quem perdeu o seu filho, foi o filho, conscientemente, quem deixou

os seus pais; não havia se perdido por acaso, ele se ausentou voluntariamente (cf. Lc 2,49b). E já não tinha outra ocupação que não fosse o seu Pai.

Para a mãe e para o leitor atual, a resposta de Jesus é ainda menos compreensível que seu comportamento. Fala pela primeira vez para afirmar, veladamente, quem é e a que deve se dedicar. Enfaticamente, com duas perguntas, questiona a dupla pergunta da mãe. Na verdade, lhe responde perguntando por sua vez. Não critica a angústia dos pais, mas critica o motivo da angústia: não deveriam ter procurado por ele; já *deveriam* saber que não está sujeito a nenhuma autoridade humana, por mais sagrada que seja, pois esta se deve ao seu Pai. “Estar em suas coisas” é a sua prioridade, sua missão pessoal.

Mais do que defender-se, Jesus contra-ataca. Não foi um capricho, nem uma casualidade, mas o seu dever que os separou deles. Não fez o que quis, mas aquilo que se queria dele. Por isso não entende muito bem as queixas dos seus pais. Ele agiu não por simples conveniência, mas por uma necessidade interior que o domina e o leva a viver em conformidade com o querer do Pai.

Se o sentida incompreensão de Maria se apoia na piedade devida aos pais, segundo o mandamento da lei Deus, a ação de Jesus nasce de sua piedade filial para com Deus. Sua família não domina sua vida, somente o Pai. Seus pais tem um filho que, na verdade, não é deles, como eles mesmos sabem muito bem (e o leitor do evangelho também o sabe; cf. Lc 1,31-32.35; Mt 1,20-21). E, o que é ainda menos desculpável, não deveriam ter-se esquecido disso. O Filho de Deus está a serviço de seu Pai, e não está perdido quando se ocupa de suas coisas.

Jesus, adolescente, revela a seus pais a sua filiação divina e a sua exclusiva missão:⁵ afirma que, sendo filho, deve estar no que compete ao Pai. E não deve passar despercebido que seja “Pai”, apelativo dirigido a Deus, a primeira e a última palavra de Jesus no terceiro evangelho (Lc 2,49; 23,46): toda sua vida consciente está entendida como vivência filial. Jesus, ainda garoto, afirma sua necessidade de servir ao Pai acima de todas as coisas, uma necessidade que nasce de sua consciência filial: filiação divina e missão evangelizadora caminham juntas. Saber que é filho, sem outra ocupação que não sejam o Pai e as suas coisas, é a razão de sua sabedoria. A causa pela qual “perdeu”, momentaneamente, seus pais foi a sua obediência filial a Deus.

O drama familiar reside na clara oposição “entre o programa dos pais e o do filho: a vontade dos pais tem a ver com a lei; a vontade de Jesus, com a

⁵ É a primeira vez que se dá a palavra a Jesus no Evangelho, no qual já havia sido proclamado Filho do Altíssimo (Lc 1,32), filho de Deus (Lc 1,35), Salvador, Cristo, Senhor (Lc 2,11).

revelação”⁶ Nada de extraordinário, então, que eles não entendam o que ele lhes disse (Lc 2,49: «nenhuma palavra! »). A inteligência de Jesus (Lc 2,40.52) contrasta com a falta dela em seus pais(Lc 2,49). Somente eles conheciam a verdadeira origem de Jesus (cf. Lc 1,32.35; Mt 1,18-24). Pois bem, nem o dom de uma maternidade virginal, nem o nascimento celebrado em Belém por anjos e pastores, nem a profecia de Simeão, nem uma estreita convivência diária, fez com que Maria (e José) compreendessem a seu filho. A Maria toca ainda um longo caminho até que consiga compreender a seu filho (cf. Lc 8,19-21; 11,27-28).

⁵¹ «*Jesus desceu com eles a Nazaré e lhes era submisso. Sua mãe guardava todas essas coisas em seu coração.* »

A filiação divina, tão cedo reivindicada por Jesus, não o libera do poder paterno: volta com os pais a Nazaré, volta ali para uma vida de obediência. Poderia parecer-nos normal, mas o novo episódio supõe aos pais de Jesus a vivência de uma situação anômala. Tal regresso, após uma impressão tão completa de sua identidade, faz ainda mais extraordinário o ordinário: a submissão do filho de Deus a genitores que, na verdade, não o foram. Não era isso que se esperava após a separação voluntária, na festa em Jerusalém, e sua motivação. O fato de saber-se filho de Deus não eximiu Jesus de viver submetido- toda uma vida! - a seus pais em Nazaré.

O desconcerto aumenta quando, em Nazaré, os pais devem conviver com o filho que deve satisfações a *outro* Pai. Todo o acontecimento, e não exclusivamente a resposta de Jesus, é o que Maria guarda em seu coração (Lc 2,51b: «todas essas coisas»). Ainda se não os entende, tampouco os esquece: no coração, centro da pessoa, sede dos afetos da consciência e da vontade, conserva a recordação do fato (cf. Lc 1,66) e busca o sentido escondido entre o que presenciou e o comentário de Jesus. Escutar a Deus sem entendê-lo é a forma mariana de não perdê-lo (cf. Lc 2,19; 8,19-21; 11,27-28).

Um acontecimento normal na vida de uma mãe a obriga a ser uma crente melhor: perde o filho no templo para sempre, ainda que ele volte como filho para casa, submetido ao poder paterno. Seu filho cresce diante dos seus olhos, e junto dele deve crescer a sua fé. Levou o filho no ventre até o momento que o deu à luz; agora terá de trazê-lo ao coração para não perdê-lo (Lc 8,21; 11,28). À gestação carnal deve se seguir a gestação “cordial” (cordis: coração), ambas possíveis apenas com a fé. A primeira exige fé para que se realize; a segunda, para que não perca.

⁵² «*E Jesus crescia em sabedoria, maturidade e graça, diante de Deus e dos homens.*»

⁶ F. BOVON, *El evangelio según san Lucas*. I (Lc 1,1-9,50), Sigueme, Salamanca, 2005, 221.

Lucas acrescenta uma breve anotação com a intenção de cobrir todo o período de juventude de Jesus até sua aparição, já adulto, no deserto, para ser batizado por João. (cf. Lc 3,21): «crescia em sabedoria, maturidade e graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2,52). A citação, ainda que breve, é preciosa: guarda toda a informação que temos sobre Jesus desde sua infância até o início de seu ministério público.

Chega assim ao seu fim natural uma crônica que começou com um infante nos braços de Maria (Lc 2, 12.16), passa a ser criança (Lc 2, 17.27-40) seu filho (Lc 2,43) e termina como filho de Deus (Lc 2,49): sobre os primeiros doze anos de Jesus e sobre os vinte restantes, Lucas nada tem a dizer. Querido de todos, cresce amadurecendo como homem o filho de Deus..., durante trinta anos, no seio da sua família.

Já adulto

Com exceção dos relatos da infância, a tradição evangélica guarda silêncio sobre a figura de José, o pai de Jesus (Lc 4,22; Jo 6,42). Dessa forma, para compreender a relação de Jesus com a sua própria família durante os anos do ministério público, não nos resta outra opção que centrar-se em sua mãe e seus irmãos.

Causa surpresa a escassa atenção que os quatro evangelhos dedicam à família de Jesus, formada por Maria, que costuma ser identificada, quase sempre, como « *a mãe de Jesus*» (Mt 13,55; Jo 2,1.3; 19,25; At 1,14) e seus irmãos Tiago, José, Judas e Simão (Mc 6,3; cf. Mc 3,31-35; Mt 13,55; Gál 1,19; 1 Cor 9,5). Chama a atenção, também, que a mãe de Jesus, à medida que a narração avança, apareça cada vez menos (Mc 3,31-32; Mt 12,46-47; Lc 8,19-20; Jo 2,1-11; cf. EvTom 79,1-2). E, se o faz, tem muito pouco a dizer (Lc 11,27-28; Jo 19,26-27; cf. At 1,14).

A imagem que emerge desses dados é a de uma relação de Jesus com sua família que, estreita no começo, depois do seu nascimento; foi se fazendo menos frequente durante a época do ministério público; tendo apenas algum contato nos momentos finais, durante a semana da sua paixão e ressurreição. De um ponto de vista estritamente histórico, é preciso assumir que esta etapa foi a mais duradoura- e a mais dura- da vida de Maria: quanto mais seu filho vivia, menos lhe pertencia. Por outro lado, isso acontece, de alguma forma, com todas as mães.

De fato, a tradição evangélica, econômica como é em sua transmissão de notícias entorno à família de Jesus, nos apresenta um episódio, no início do ministério de Jesus na Galileia, no qual é Jesus mesmo quem se contrapõe publicamente seus parentes mais próximos aos seus novos seguidores (Mc 3,31-35; Mt 12,46-50; Lc 8,19-21; cf. Jn 7, 3-5). Jesus já havia decidido por uma vida itinerante e abandonado Nazaré, sua pátria (Mc 6,1; Mt 13,54) e seu lar (Lc 9,58; cf. Mc 1,14-39), fazendo de Cafarnaum

seu lugar de residência (Mt 4,13; 9,1), onde, ao que parece, possuía casa própria. (Mt 13,1.36; cf. Mc 2,1; 3,20; 9,33).

O incidente, transmitido pelos três sinóticos, está de tal modo narrado que assinala uma clara ruptura entre Jesus e os seus: familiares (Mc 3,20-21.31-35) e inimigos (Mc 3,22-30; cf. Mt 12,22-32; Lc 11,14-23) se unem na rejeição a Jesus e à sua missão. A família de Nazaré, com o indubitável interesse pela pessoa de Jesus; os escribas de Jerusalém, com a frieza de um raciocínio teológico. Restam a Jesus, apenas seus discípulos, com os quais compartilha ensinamentos, causas e sentimentos.

A cena se desenrola em três atos: o primeiro (Mc 3,20-21) serve para situar a cena em uma casa e insinuar que o tema do rechaço público de Jesus inicia no seio de sua própria família. No segundo (Mc 3,22-30) Jesus se defende da acusação de conivência com Belzebu (Mc 3,22.30) com um discurso parabólico (Mc 3,23-27) que se encerra com a solene tomada de posição: quem o rejeita não terá perdão (Mc 3,28-29). O terceiro (Mc 3,31-35) se centra em definir qual é, para Jesus, sua autentica família. O texto é fundamental: não apenas se situa pouco tempo depois de Jesus ter abandonado Nazaré (Mc 1,9), mas, sobretudo, implica um grave e público desgosto que Jesus faz à sua própria família, estando ela presente.

²⁰ Chega a casa e de novo se junta uma multidão que nem sequer os deixavam comer. ²¹ Ao saber disso, sua família, foram com a intenção de levá-lo, porque diziam que ele estava fora de si.

Jesus, que acaba de formar o grupo dos doze no monte (Mc 3,13-14), regressa à casa, em Cafarnaum (Mc 3,20). A nova localidade, uma casa que ele costuma frequentar, serve para introduzir o tema da verdadeira família de Jesus. Se supõe que o acompanham seus discípulos, recém escolhidos, ainda que ao redator interessa assinalar apenas a presença massiva da multidão (cf. Mc 3,32): tantos eram os que o acompanhavam que nem comer podia. Presumivelmente, não era o número de pessoas, senão o acúmulo de trabalho que não deixava Jesus livre. (cf. Mc 6,31).

A situação à que está submetido chega ao ouvido dos seus. Eles não podem entender as razões que impelem Jesus a levar uma vida assim. Não interessa ao narrador descrever como souberam do fato. Ele prepara o encontro posterior (Mc 3,31), dando a entender que saíram de Nazaré à sua procura. Chegaram até ele após uma discussão acirrado com os escribas de Jerusalém (Mc 3,22-30; cf. Mt 12,22-32; Lc 11,14-23; 12,10). Portavam a intenção de trazer Jesus consigo à força, trazê-lo de volta à casa e, desse modo, apartá-lo de tudo quanto estava acontecendo.

De fato, é duro o juízo que fazem acerca da febril atividade de Jesus: ele é instável, «*está fora de si*». Tal opinião poderia encobrir a opinião de que

Jesus estivesse sob poder diabólico (cf. Mc 3,24-26).⁷ Se não isso, ao menos o que se percebe na afirmação é a incompreensão que Jesus, desde o início de sua missão, encontrou em sua própria família (cf. Jo 7,5).

A notícia, demasiado penosa para ser inventada pela comunidade cristã (de fato, tanto Mateus como Lucas a omitiram), reflete bem a situação pré-pascal na qual muitos, incluindo os familiares de Jesus, não creram na missão pessoal de Jesus (cf. Jo 7,3). A tradição evangélica é unânime em anotar o estranhamento de Jesus de sua família durante seu ministério público. O fato é de todo verossímil: plenamente envolvido com as coisas do Reino, Jesus podia transmitir a seus familiares a impressão de estar fora do juízo: cheio de Deus, fora de si; ocupado com o Reino, não encontrava tempo sequer para cuidar de si.

³¹ «Nisto chegam sua mãe e seus irmãos que, ficando do lado de fora, o mandam chamar. ³² A multidão estava sentada em volta dele, quando lhe disseram: “Estão lá fora a tua mãe e os teus irmãos que te procuram. ». ³³ Ele respondeu: “Quem são minha mãe e meus irmãos?”. ³⁴ E percorrendo com o olhar os que estavam sentados em volta dele, disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos. ³⁵ Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe».

A mãe e os irmãos de Jesus reaparecem, apenas terminada a polêmica sobre a possessão diabólica de Jesus. Como mais tarde, em Marcos 6,3, o narrador cita a Maria por seu parentesco, não por seu nome. A família opta por manter-se fora da casa onde Jesus está a falar, e manda chamá-lo para levá-lo a força para a casa (cf. Mc 6,1-6). Sua intenção, ainda que compreensível, os torna distantes: não buscam a Jesus, o requerem; não o seguem, querem que ele os siga; não entram em sua casa, desejam que ele retorne ao domicílio familiar. Eles se mantiveram fora da casa de Jesus... e de seus afetos.

A notícia da chegada de sua família chega a Jesus enquanto ele está em sua própria casa (Mc 3,20), rodeado de uma multidão de ouvintes que está sentada entorno a ele (Mc 3,32). Desta forma, se alude à diferença de atitudes diante de Jesus: os familiares tem que buscá-lo para vê-lo, seus ouvintes vivem a seu redor. Quem o procura, o encontra; quem o escuta, se mantém em sua presença.

A reação de Jesus diante do aviso da presença de sua família, comporta uma afronta, mais grave ainda por ser público. Perguntando-se em público: «*Quem é minha mãe e quem são meus irmãos??*» (Mc 3,33), afirma desconhecer aos que vêm e não aceita suas pretensões sobre ele. Tendo em conta o que foi dito anteriormente (cf. Mc 3,20-21), aparece um motivo que

⁷ Entre os judeus, a loucura era consequência de possessão demoníaca (cf. Jo 7,20; 8,48.52; 10,20-21).

explicaria o comportamento de Jesus, tanto como o de sua família: esta não conseguiu compreender o que estava a acontecer e se equivoca ao tecer juízos sobre ele.

À desautorização pública, Jesus acrescenta o menosprezo (Mc 3,34): não reconhece mais família senão a quantos que, neste momento, estão sentados a seu redor, ouvindo-o. Antes de falar, ele os contemplou: quer que seu coração os identifique antes que suas palavras públicas. Proclama assim, frente à família carnal, sua nova família. A ruptura com os seus não pode ser mais evidente, nem menos desconsiderada: “até aqui Jesus podia considerar-se um bom judeu-galileu, filho de família e irmão honrado. A partir daqui, inicia uma aventura nova de criação de família. Este é o elemento chave de sua decisão”.⁸

A nova família de Jesus não nasce do sangue (cf. Jo 1,13). Jesus nem sequer pôde escolhê-la. Não surge porque ele o disse, ou daqueles que seu coração preferira. Seus são aqueles que fazem seu o querer de Deus (Mc 3,35). Com essa afirmação tão polida, Jesus diminui um pouco o conflito familiar. Não contrapõe diretamente família e discípulos; os discípulos nem sequer estavam presentes à cena. Muito menos ataca a família carnal: ela pode chegar a sê-la verdadeiramente, se fizer a vontade de Deus. Jesus opta por um determinada grupo, senão por todos os que o tomam a sério, se ocupam em escutá-lo e cumprem a vontade de Deus.

No entanto, é claro que Jesus se distancia de seus familiares e de seus adversários, uns por crer-se com direitos sobre ele, ainda que sejam direitos do coração; e outros por acreditar que ele serve a Satanás, apoiando-se supostamente naquilo que sabem de Deus. Em ambos os casos, são seus antagonistas, porque se opõem ao projeto de Deus. Não existe outra forma de garantir o afeto de Jesus senão uma: realizar a vontade de Deus. Familiarizar-se com o querer de Deus obtém o “bem-querer” de Jesus.

Quem escuta hoje a afirmação de Jesus não tem porque invejar nem aos discípulos nem aos familiares de Jesus: fazer a vontade de Deus é “evangelio”, boa notícia, para quem se queira seguidor de Jesus, porque isso o faz um dos seus, sua autentica família, não a que lhe foi dada por Deus, senão aquela formada dos que, como ele, optam por “ocupar-se das coisas do Pai.” (Lc 2,49; cf. Mc 3,35; Mt 12,50; Lc 8,21).

A nova família de Jesus

“Entre os dados duros e seguros da vida de Jesus se conta o fato de que abandonara seu posto na família e na aldeia”.⁹ Pois bem, renunciar à família “tinha consequências dificilmente imagináveis hoje”. Ao ser a vida

⁸ X. PIKAZA, *La familia en la Biblia*. Una historia pendiente, Verbo Divino, Estella, 2014, 347.

⁹ G. THEISSEN, *El movimiento de Jesús*. Historia social de una revolución de los valores, Sígueme, Salamanca, 2005, 39.

família decisiva na vida ordinária dos indivíduos e imprescindível para sua sobrevivência, “a maior pobreza consistia em carecer do apoio de uma família, e não, como entre outros, carecer de recursos econômicos”.¹⁰ Até mesmo um profeta, se deixava seu clã e sua família, caía em desonra pública, que acarretava ver-se privado da solidariedade familiar e do reconhecimento social. (cf. Mc 6,4; Mt 13,57; Jn 4,44; EvTom 31).

Assim pois, no mundo patriarcal e na sociedade campesina onde viveu Jesus de Nazaré, sua atitude pessoal em relação à própria família desentoeva completamente da ordem estabelecida (Mc 3,20-21.31-35; 6,1-6a; Jn 7,3-5) e, não menos, a exigência imposta aos seus seguidores de abandonar suas casas e quebrar suas relações familiares (Mc 1,19-20; 10,28-30; Lc 9,58-62; 10,52-53; 14,52). Porque uma coisa era optar pessoalmente pela marginalização social tolhendo-se da própria família, medida em si mesma insólita e contracultural; e outra, bem distinta, era impor esse estilo de vida, desarraigado e marginal, aos que já compartilhavam sua vida e sua causa.

É certo que não exigiu a todos os seus simpatizantes deixar casa e família. Mas o fez aos que selecionava pessoalmente: os chamou para que ficassem com ele e fossem enviados (Mc 3,14-15; 6,7). Segui-lo não era simplesmente aprender dele, enquanto com ele se convivia; segui-lo não tinha limites, nem temporais, não era uma ocupação transitória, nem local, implicava o abandono total da própria casa, da família e dos meios de vida.

Jesus não impôs aos seus seguidores mais próximos nada que ele mesmo já não estivesse vivendo. Os convidou a compartilhar seu projeto pessoal e quis que colaborassem com ele para torná-lo realidade (Mc 1,16-18.19-20). Quando falou em deixar tudo (Mt 19,21), ele mesmo já havia tudo deixado (Mt 8,20). Disse que era necessário estar disposto a romper com a família (Lc 14,25), quando ele mesmo já não vivia com ela (Lc 8,19-20), nem, permanecendo celibatário, teria mulher ou filhos (Mt 19,12). Os advertiu que teriam de estar dispostos a dar a própria vida (Mc 8,34), imediatamente depois de haver anunciado que ele mesmo iria fazê-lo (Mc 8,31). Não exigia renúncias a quanto era objetivamente mal. Impunha abandonar o que era bom de verdade: bens materiais (Mc 10,21; Mt 19,21; Lc 18,22), laços familiares (Mc 10,28-30; Lc 12,51-53), a própria vida (Mc 8,35; Mt 10,39; Lc 9,24). Mas sempre e somente, por causa das exigências do Bem por excelência, Deus e seu Reino (Mc 8,35).

Segui-lo e viver junto com ele, e como ele, a serviço do Reino têm prioridade absoluta (Mt 12,30; Lc 11,23). Não há obrigação, por mais sacra que seja, que se iguale a estas, nem sequer enterrar o próprio pai (Mt 8,18-22; Lc 9,57-62). Ele e o Reino de Deus tem de ser preferidos a qualquer outro bem.

¹⁰ GUIJARRO, “Familia en el movimiento”, 158.

Jesus não suportava que o serviço a Deus se equiparasse a qualquer outro serviço (cf. Mt 6,33), mesmo que a outra opção fosse realmente muito nobre. A dedicação a ele e à sua causa eram sem reservas, nem dilações. Sua causa, o Reino de Deus, deveria estar sempre em primeiro lugar: era inegociável e urgente (cf. Lc 9,59-62). Uma vez descoberto, obrigava a despojar-se de qualquer outra ocupação ou projeto que lhe trouxesse obstáculos (Mt 13,44-46).

Se a renúncia à própria família levou Jesus e seus discípulos mais próximos a uma situação social de pobreza material, desarraigo social e desamparo permanente, compartilhar com eles a vida e a causa foi possível porque Jesus os conduziu a viver em uma nova família, onde todos eram irmãos, e Deus somente o pai de todos (Mt 13,50; 23,8-9). A transformação radical que implicava essa nova forma de viver em família eram consequência e prova da chegada do Reino do Pai (cf. Lc 11,2), que se realiza quando os filhos “*estão entre as coisas do Pai*” (cf. Lc 2,49). Em Nazaré foi a vontade do pai que proporcionou a seu Filho uma família (Lc 1,26-27; Mt 1,18); em Cafarnaum (Mc 3,20) foi a escuta à vontade de Deus, proclamada pelo Filho; e sua execução que fundou sobre uma nova família (Mc 3,35).

4. Conclusão

Querendo nos salvar, Deus se encarnou “nascido de mulher” (Gl 4,4), “feito semelhante aos homens” (Fl 2,7). É assim como nos salvou, “e assim é como nos mostra o que salva”.¹¹ A encarnação não é, pois, unicamente salvação já realizada, salvífico, é também método de salvação, o caminho que Deus nos assinalou para nos apropriarmos dela.

1. Consequência da decisão de Deus, que quis ser semelhante a nós para nos salvar, foi o dotar-se de uma família. Não lhe bastou a Deus fazer-se um de nós, é que não o quis ser sem nós. Feito homem, Deus quis aprender a ser *como nós*, tendo de amadurecer como homem no seio de um lar, “berço de vida e de amor no qual o homem “nasce” e “cresce”.

Para o cristão a família, essa “escola de humanidade mais completa e rica”, não é- em primeiro lugar- uma opção estratégica a defender na sociedade atual, por mais urgente que isto seja. É antes de tudo “boa notícia” a ser vivida antes de ser anunciada; evangelho a ser testemunhado. *É a experiência familiar do Deus homem o que converte a vida da família no lugar de aprendizagem do crente, onde amadurece em humanidade e sabedoria ao tempo que cresce sua consciência de*

¹¹ BENTO XVI, “Discurso nell’udienza alla Curia Romana in occasione della presentazione degli auguri Natalizi” (22.12.2005): *L’Osservatore Romano* (23 dicembre 2005), 6.

filho de Deus (cf. Lc 2,49-52). Em consequência, não é do arbítrio do cristão o viver em família sua fidelidade a Deus, a promoção e a defesa da vida da família na sociedade em que se vive não é uma opcional.

2. Dito isto, é preciso apontar que o crente não pode fazer da vida de família um absoluto inegociável, essa primazia corresponde somente a Deus Pai. Deus deu uma família a seu Filho: nunca o dom é maior, nem menor, que o Doador. Assim o viveu Jesus e é o que exigiu dos que chamava.

Jesus não havia ainda alcançado a maioridade quando se atreveu, e publicamente, a perder-se como filho de Maria e José para reencontrar-se no Templo de Deus como seu Filho, dedicado às coisas do Pai. E quando adulto, se consagrou por inteiro a elas, ao Reino de Deus, não somente abandonou pátria querida e família, senão que reconheceu como família apenas a quantos compartilharam com ele vida e causa, conhecendo e cumprindo a vontade de seu Pai.

A família de Nazaré foi o inapreciável dom que Deus deu a seu Filho para que amadurecesse como homem. Chegada a sua maturidade humana e filial, Jesus se liberou do dom para dedicar-se plenamente ao Doador. *A família, por mais cristã que seja, não é dona dos seus filhos, foi posta a serviço do seu crescimento “em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52).* Nessa meta está a sua glória.

3. O Deus de Jesus encontra seus filhos entre aqueles que buscam sua vontade. Jesus mesmo, e na presença de sua família natural, foi quem considerou como irmão, irmã e mãe, a quem se irmana no esforço por buscar o querer de Deus e colocá-lo em prática. *O crente no Deus encarnado constrói sua família, hoje como ontem, a base da obediência ao Pai.* Tal foi o caso de Jesus, que *“sendo Filho, aprendeu, sofrendo, a obedecer”* (Hb 5,8). Tal foi o caso de sua mãe, que começou a ser mãe de Deus apenas se declarou sua serva. (Lc 1,38.42).

Obediência a Deus, acima dos deveres mais sagrados e dos afetos mais profundos, é o fator decisivo para converter-se em família de Jesus. Se optar pelo Reino o deixou órfão, optar por Deus o reconstituiu uma família. Não é que apresentasse a deus discípulos, sem mais, como verdadeira família. Tampouco- bem entendido- renegou à sua família natural porque esta não esteve mais próxima em sua missão evangelizadora. *Jesus declarou, diante de sua família carnal, qual é o caminho para familiarizar-se com ele: quem faz do querer de Deus o seu próprio querer.* Os servos de Deus são seus irmãos, suas irmãs e sua mãe; Jesus mantém com eles essas relações tão estreitas e indissolúveis como as que se dão entre aqueles que nasceram do mesmo ventre.

4. Chama a atenção que Jesus, que se arriscou a desafiar os valores de parentesco e da vida familiar, imaginasse a seus seguidores como uma nova comunidade na qual coabitassem pessoas que, sem estarem vinculadas por consanguinidade, convivessem como se fossem uma família, ou seja, tendo como inspiração e meta as relações de parentesco que se davam no seio de uma família, na qual não há mais que um só pai (Mt 23,9) e onde todos são irmãos (Mc 3,31-35; 10,28-30); onde a relação filial com Deus, confiada e constante, é sempre estimulada (Lc 11,9-13); e a imitação do Pai, ordenada (Mt 5,48; Lc 6,36); onde os adultos deviam fazer-se como crianças (Mc 9,33-36; Mt 18,3-4; Lc 9,46-48) Mc 10,13-16) e as crianças acolhidas com preferência (Mc 9,36-37; 10,13-16; Mt 19,13-15; Lc 18,15-17); onde o serviço mútuo (Mc 9,34-35) e o cuidado fraterno (Mt 5,21-24; 18,15.21-22) é inculcado e a rivalidade ou a busca do poder, terminantemente desaconselhada (Mt 20,20-28; Mc 10,35-45; Lc 22,24-27); onde não há lugar a ânsia do vestir e do comer (Mt 6,25-34; Lc 12,22-32) e, menos ainda, a ânsia de entesourar bem para o dia de amanhã (Mt 6,33-34; Lc 12,33-34).

Se, para concluir, eu tivesse que resumir tudo quanto foi dito em uma só afirmação, diria que “o mistério da encarnação do Verbo no seio de uma família nos revela” não só “que esta é um lugar privilegiado para a revelação de Deus ao homem”,¹² como que *a aceitação de Deus revelado como Pai leva a assumir uma nova forma de viver em família, onde os filhos hão de ocupar-se, primordialmente, dos assuntos do Pai. Onde está o Pai, ali seus filhos encontram o lar e seus irmãos.*

*Juan J. Bartolomé, sdb
Tlaquepaque, 24 de outubro de 2016*

¹² SÍNODO DE OBISPOS, III Asamblea General Extraordinaria, *Los Desafíos pastorales sobre la familia en el contexto de la evangelización*. Instrumentum Laboris, n. 36.

PASTORAL JUVENIL SALESIANA E FAMÍLIA

HERANÇA E LINHAS DE FUTURO

FABIO ATTARD, SDB. CONSELHEIRO GERAL PARA A PJ DOS SDB

1. INTRODUÇÃO

- 1.1. Identidade
- 1.2. Carisma
- 1.3. Comunidade
- 1.4. Proposta

2. O CAMINHO PASTORAL DA IGREJA E DA FAMÍLIA

- 2.1. *Gaudium et Spes*
- 2.2. Caminho Sinodal

3. VALDOCCO – FAMÍLIA COMO PARADIGMA PASTORAL

4. PARTINDO DA *EVANGELII GAUDIUM*

- 4.1. A história como desafio
- 4.2. Uma resposta pastoral

5. *AMORIS LAETITIA*

5.1. Posturas pastorais

5.2. Critérios pastorais

- A fecundidade do amor que gera
- Responder à ausência de paternidade e maternidade
- A família é sujeito pastoral
- A gradualidade pastoral

5.2. Escolhas operativas

- Comunidade
- Projeto
- Acompanhamento: de ambiente, de grupo, pessoal

6. CONCLUSÃO

1. INTRODUÇÃO

O tema que me foi confiado- *Pastoral Juvenil Salesiana e Família*- constitui para nós, membros da Família Salesiana, um forte chamado; que se apresenta sobretudo como um belo desafio e uma grande oportunidade nesse momento da história. É um tema que precisa ser confrontado com uma mentalidade pastoral muito precisa, animada pela dimensão profética fundamentada na fé em Cristo, uma mentalidade pastoral plena de esperança e impulsionada pela caridade. Somos conscientes, ou ao menos deveríamos sê-lo, que podemos tornar-nos vítimas da mentalidade das lamentações, que terminam mais por condenar a escuridão do que por empenhar-nos em acender alguma fagulha. Os nossos tempos são tempos de uma missionariedade alegre e otimista.

Enquanto Família Salesiana, inserida na experiência eclesial, fazemos nosso o convite do Papa em advertir “a necessidade de dizer uma palavra de verdade e de esperança. (Acreditamos que) os grandes valores do matrimônio e da família correspondem à busca que atravessa a existência humana” (*Amoris Laetitia* n. 57). Estamos convencidos que hoje mais do que nunca, temos uma palavra a compartilhar, um projeto a propor, uma experiência pastoral a oferecer como Família Salesiana. Nessa perspectiva se explica a segunda parte do título: herança e linhas de futuro.

Por isso, inicio a partir de uma interrogação simples: de onde partimos como membros da Família Salesiana? O que carregamos na mochila da nossa história?

Seguramente não partimos do zero. Temos uma história, portanto, somos herdeiros de um caminho: Somos protagonistas de uma experiência pastoral que hoje pode ser encontrada dispersa em todo o mundo com suas várias presenças, com variadas propostas, servindo os jovens, especialmente os mais pobres. Reconhecemos também que nesses anos temos realizado uma reflexão pastoral muito rica e a compartilhamos continuamente com toda a Igreja.

Por isso, elencamos de maneira muito sintética **alguns pontos que condensam o quadro da nossa herança e da nossa proposta**, para que ao partir do nosso passado, com as suas ricas dimensões (humana, cristã, carismática) nos sintamos encorajados a continuar o caminho nesse novo território sociocultural, com esses jovens, com as famílias, sendo juntos protagonistas da história.

1.1. Identidade

Podemos dizer que a **Família Salesiana é depositária de uma vocação com uma identidade precisa: evangelizar e educar segundo um projeto de promoção integral**. Sendo a evangelização uma obra complexa e

multiforme¹, a compreendemos como uma experiência animada por uma preocupação de integralidade no interior dos processos educativos. Através do empenho e da atenção nesses processos, ajudamos e acompanhamos os jovens rumo ao crescimento integral.

Para a Família Salesiana, a educação é o lugar humano onde o Evangelho se faz presente e onde adquire uma fisionomia típica. Temos espaços de ação que nos colocam na feliz situação marcada, por um lado, por um humanismo sadio e integral e, por outro, pela dimensão transcendente.

A identidade Salesiana possui uma meta: todo jovem é acompanhado(a) rumo à construção da própria personalidade, que encontra em Cristo a sua referência fundamental. O nosso presente é verdadeiro e belo na medida em que a nossa identidade- evangelizar educando, educar evangelizando- continue a reforçar-se e a nutrir-se nessa profunda e inseparável relação da ação educativa com a educação evangelizadora.²

1.2. Carisma

A nossa identidade não se fundamenta em palavras e frases de efeito, não conhece improvisações suspensas no ar. **A nossa identidade é uma identidade carismática.** Nós educamos e evangelizamos através de uma vivência que se inspira no Sistema Preventivo. **Dom Bosco nos deixou uma herança que se chama Sistema Preventivo.** É um projeto educativo de promoção integral- *razão, religião, amorevolezza*- que ilumina, ao mesmo tempo, a riqueza humanística, o coração essencialmente religioso do sistema, dentro de um ambiente que respira a caridade (ágape) evangélica. O Sistema Preventivo é para nós, filhos e filhas de Dom Bosco, um método para a ação, caracterizado pela centralidade da razão (razoabilidade das demandas e das normas, flexibilidade e persuasão da proposta); pela centralidade da religião (compreendida como desenvolvimento do senso de Deus presente em toda pessoa e esforço de portar a beleza da boa notícia); pela centralidade da *amorevolezza*, amor educativo que faz crescer e cria correspondência.

São João Paulo II, no ano centenário da morte de nosso Pai e Mestre (1988), na carta *Iuvenum Patris* colhe a essência do carisma, recordando-nos que este é um dom para toda a Igreja. A nossa responsabilidade não é a de uma custódia

¹ “Nenhuma definição parcial e fragmentária pode explicar a realidade rica, complexa e dinâmica que é a da evangelização, sem correr o risco de empobrecê-la e, por fim, de mutilá-la. É impossível entendê-la, se não se procura abraçar com a vista todos os elementos essenciais ,” in *Evangelii Nuntiandi* n. 17; cf. também *Redemptoris Missio* nn. 41-60.

² DON EGIDIO VIGANÒ, *Nuova Educazione*, Lettera pubblicata in ACG n. 337, 1991.

intimista, mas eclesial, universal. Assim nos escreve:

Para São João Bosco, fundador de uma grande Família espiritual, se pode dizer que o traço peculiar da sua “genialidade” é ligado àquela práxis educativa que ele mesmo chamou «sistema preventivo». Este representa, em certo modo, o condensado da sua sabedoria pedagógica e constitui aquela mensagem profética que ele legou aos seus e a toda a Igreja, recebendo atenção e reconhecimento da parte de numerosos educadores e estudiosos de pedagogia.”³

1.3. Comunidade

Outro aspecto fundamental; e direi também fundante, da nossa herança educativo-pastoral é a **comunidade**. Dom Bosco não é um aventureiro pastoral solitário. Desde o início procurou, com sucesso, construir entorno a si **uma comunidade de educadores e pastores**. Esse é um tema que se apresentará de várias formas e em vários momentos durante essa reflexão. Padre Juan Edmundo Vecchi soube resumir sua importância de maneira muito clara:

Quando pensamos nas origens de nossa Congregação e de nossa Família, de onde partiu a expansão salesiana, encontramos sobretudo **uma comunidade**, não somente visível, mas realmente singular, atípica, quase como uma lanterna no meio da noite; **Valdocco, casa de comunidades originais e espaço pastoral conhecido, expandido, aberto**. Chegavam até lá, por interesse ou por curiosidade, personagens do mundo civil e político, cristãos fervorosos e eclesiásticos que viam ali um suporte religioso, bispos do mundo.

Em tal comunidade se elaborava uma nova cultura, não em senso acadêmico, mas na direção de novas relações internas entre jovens e educadores, entre leigos e sacerdotes, entre artesãos e estudantes; uma relação que influenciava o contexto do bairro e da cidade. E, segundo lemos, tal cultura trazia a tona interrogações, que chegaram mesmo a pôr dúvidas acerca da saúde mental de Dom Bosco.⁴

Comunidade, casa, cultura: são palavras que, ainda hoje, constituem um tesouro para nós, herança, mas também desafio, precisamente linhas de futuro. São palavras que nos ajudam a traduzir nossa identidade e nosso carisma em experiências concretas, nas quais os jovens que encontramos pelo caminho, descartados e abandonados, sem presente e, por consequência, sem futuro, possam encontrar acolhida, acompanhamento, sentido de direção. São palavras que hoje nos servem para propor espaços e ambientes para pais e famílias que se sentem perdidos e sem capacidade de se comunicar os próprios filhos. Esta é a nossa estrada para Jericó; e a nós não é permitido desviar o olhar e passar ao largo!

³ SÃO JOAO PAULO II, Carta *Iuvenum Patris*, 31 gennaio 1988, n. 8.

⁴ PADRE JUAN EDMUNDO VECCHI, *Ecco il tempo favorevole*, Carta publicada em ACG 373, 2000.

1.4. Proposta

O quarto elemento que completa a nossa herança é o da **proposta**. Lá onde o Senhor nos envia, lá onde nos encontramos com nossas presenças, lá onde criamos comunidade e ambientes acolhedores. Nos encontramos ali **porque temos uma palavra a dizer, uma experiência a propor**. É uma proposta que supõe os três elementos precedentes: identidade, carisma e comunidade, e os traduz em um **caminho de crescimento integral**. Damos o melhor de nós para que os jovens que encontramos, pessoalmente e como grupo, descubram a beleza do acreditar, a alegria de olhar para o alto, com a convicção de que a vida é um dom recebido, um espaço divino.

Somos chamados a ajudar os jovens a fazer crescer o seu potencial educativo, a capacidade da mente e das mãos. Oferecemos a eles e às suas famílias um espaço onde não somente ninguém sintam-se sozinho, mas que toda pessoa, jovem e adulto, descubra-se protagonista, com os outros, nas várias experiências de grupo, associações. Enfim, ainda hoje procuramos conduzir os jovens ao ponto daquele belíssimo e empenhativo questionamento: Qual é o meu projeto de vida? Qual é a minha vocação na vida, para que me sinto chamado?

Nossa herança pode ser definida a partir dessas quatro dimensões (identidade, carisma, comunidade, proposta), nelas percebemos suas grandes linhas. Encontramos também a base para descobrir como possuímos um dom a guardar, no seio da Igreja; e que ele deve ser aprofundado em diálogo com os desafios e as oportunidades que batem à nossa porta. Por essa razão, o chamado da Igreja sobre a família constitui para nós algo de extrema seriedade e de profunda importância. Que não se trata apenas de fazer operações cosméticas, como um *ajustezinho* nos horários, ou alguma conferência a mais a qualquer grupo novo ou antigo. Aqui somos todos chamados a colocar toda a nossa capacidade de sonhar, todas as nossas energias pastorais, afim de que os nossos jovens e a família como um todo se sintam acolhidos, acompanhados, feitos protagonistas.

2. O CAMINHO PASTORAL DA IGREJA E DA FAMÍLIA

Feito este sintético caminho sobre o tesouro de nossa herança, com todas as perspectivas que se nos apresentam, adentremos na reflexão sobre o tema da família a partir da caminhada eclesial. **É importante esclarecer desde o começo que o tema da família não é um spot publicitário**. Que não se trata de um tema que ultimamente se tornou moda. Por tal motivo, permiti-me traçar um breve

percurso sobre como a Igreja tomou seriamente o tema da família, a partir da reflexão do Concílio Vaticano II.

Não podemos perder a conexão com o caminho da Igreja para compreender como o desenrolar da história seja o maior cenário a partir do qual o Senhor nos chama. De outro modo, corremos o risco de, depois de tantas belas palavras que dissemos e que diremos sobre a família, o todo terminar como o famoso provérbio italiano: muita fumaça, mas pouco assado!

2.1. *Gaudium et Spes*

No esquema da Constituição Conciliar *Gaudium et Spes (GS)* vemos como as duas partes do documento tratam, em primeiro lugar, da *Igreja e a vocação do homem* (Parte I), e depois de *Alguns problemas mais urgentes* (Parte II). É significativo notar como o primeiro tema tratado na Parte II tenha o seguinte título: ***A promoção da dignidade do matrimônio e da família.***

Sem nos deter muito nos diversos pontos que o tema desenvolve, notamos como o primeiro desafio, a primeira preocupação que os Padres conciliares individuaram, seja justamente a do matrimônio e da família. Neste ponto, é importante acenar como **na GS a família seja um sujeito ativo, que possui uma missão a cumprir** e que segue ajudado por todos os componentes ativos da sociedade. GS não fala da família como um problema, ou como um paciente que precisa de tratamento. Jamais devemos esquecer esse aspecto!

No seu diálogo com o mundo, que é o objetivo mais profundo da GS, o matrimônio e a família constituem o primeiro desafio. Somente depois são tratados temas como *A promoção da cultura, A vida econômico-social, A vida da comunidade política e A promoção da paz e da comunidade internacional.*

2.2. Caminho Sinodal

Se observarmos os desenvolvimentos que são verificados nos anos que seguiram o Concílio Vaticano II, encontramos uma atenção sempre maior para o tema da família por parte da Igreja. Basta notar como, logo após os dois sínodos dos anos 70 (um sobre evangelização, com a exortação apostólica ***Evangelii Nuntiandi***, e o sucessivo sobre catequese, do qual foi lançada depois a exortação apostólica ***Catechesi Tradendae***), o sínodo imediatamente sucessivo tratou do tema da família, ao qual foi seguida a publicação da exortação apostólica ***Familiaris Consortio***.

Este desenvolvimento do caminho eclesial é um testemunho do fato de que, a partir do momento em que a Igreja se percebe portadora de uma boa notícia,

imediatamente pouso o olhar sobre a comunidade conjugal e a família, porque com ela “o bem da pessoa e da sociedade humana e cristã estão intimamente ligados” (GS 47). A Igreja vê a família como o lugar privilegiado no qual “se congregam as diversas gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social, constitui assim **o verdadeiro fundamento da sociedade**” (GS 52)

Nos últimos anos, de novo assistimos a um percurso pastoral similar, dentro do qual a atenção à família é representada como prioridade. Em seguida ao sínodo sobre **A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã**, 2012, recebemos a exortação apostólica **Evangelii Gaudium**, como programa pastoral para a Igreja que abre caminho para **os dois sínodos sobre o tema da família: os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização (outubro de 2014) e A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo (outubro de 2015)**. A exortação apostólica **Amoris Laetitia** é o mapa que nos ajuda a traçar as linhas pastorais para os próximos anos.

Duas breves notas sobre esse percurso vivido pela Igreja nos últimos cinquenta anos: a **primeira** é que **a família é sempre apresentada como primeiro desafio pastoral da Igreja**. Esse repetido retorno à família é um índice claro do fato que tal desafio pastoral não é um tema passageiro, não se trata de uma moda. Nos encontramos diante de uma chamada permanente que, como membros da Família Salesiana, nos interroga profundamente. A **segunda** nota: **o caminho pós-Vaticano II é caracterizado pelo gradual processo de enriquecimento pastoral**: a família como protagonista, a família como experiência de acompanhamento. No desenrolar do tempo e da história, a Igreja se torna sempre mais presente, com a humildade do peregrino.

A percepção do Concílio Vaticano II e o modo esta foi amadurecida no percurso dos vários sínodos, deve servir como luz e paradigma. De fato, é sobre a família que o Papa Francisco nos pediu considerar como “necessidade irrevogável” na sua carta ao Reitor Mor no Bicentenário do nascimento de Dom Bosco:

Hoje mais do que nunca, diante da “emergência educativa” enunciada mais de uma vez por Bento XVI (*cf. Carta às dioceses e à cidade de Roma sobre o dever urgente da educação, 21 de janeiro de 2008*), convido a Família Salesiana a favorecer uma eficaz aliança educativa entre diversas agências religiosas e laicais para caminhar com a diversidade dos carismas, a favor da juventude, nos diversos continentes. **Em particular ressaltamos a necessidade irrevogável de envolver as famílias dos jovens. Não pode haver, de fato, uma pastoral juvenil eficaz sem uma válida pastoral familiar.**⁵

⁵ PAPA FRANCISCO, *Como Don Bosco, com os jovens e para os jovens*, Carta do Santo Padre Francisco, ao 27

3. VALDOCCO – FAMÍLIA COMO PARADIGMA PASTORAL

Revisitando os primeiros anos da experiência pastoral de Dom Bosco a Valdocco, notamos que a família não se configura como um verdadeiro e próprio sujeito pastoral, como entendemos hoje. Podemos percebê-lo, entretanto, naquela compreensão mais abrangente que hoje chamamos “imaginário pastoral coletivo”. Este modo de compreender a família está na base da proposta educativo-pastoral de Dom Bosco. **A experiência de Valdocco tinha a família como paradigma pastoral.**

Comentando as primeiras escolhas de Dom Bosco a propósito da formação dos jovens, Pietro Braido afirma que a proposta formativa era muito ligada ao impacto educativo que um tipo de ambiente particular poderia oferecer. O oratório era esse ambiente. O oratório de Valdocco promovia processos de educação integral que encontravam a sua raiz no paradigma da “família”.

Na sua comunidade inspirada cristãmente, os sem família encontravam a doçura de uma **casa**, a segurança da **paternidade** e da **fraternidade** na pessoa do director e dos educadores, a alegria da amizade, as perspectivas de uma inserção significativa na sociedade com uma cultura e uma **capacidade laborativa digna e rentável**; junto com isso um estilo geral de alegria, garantido pelas infinitas manifestações que o gênio educativo sabia criar: jogo, teatro, excursões, música, canto. Por isso Dom Bosco especificava o “programa de vida”.⁶

Partindo dessas nossas origens, será muito iluminante traçar a indispensável conexão entra tal **proposta carismática nas suas origens e a experiência originária de Dom Bosco em sua família nos Becchi.**⁷

Braido ressalta como **“a família, “schola gremii materni”, é a primeira matriz da personalidade de Dom Bosco.”** A sua vida familiar era “condicionada pela precoce ‘ausência’ do pai, morto quando o filho não tinha ainda dois anos, pela presença de um meio-irmão sete anos mais velho e pela avó paterna”. Ao centro de tudo isso se encontra a presença “determinante de uma mãe de grande solidez humana e espiritual, verdadeira “mãe paterna”.⁸

Reverendo Padre Angel Fernandez Artime, Reitor-Mor dos Salesianos, no Bicentenário do Nascimento de São Joao Bosco, 24 de junho 2015.

⁶ P. BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, vol. I, Roma, LAS 2003, p. 233. (D’ora in poi *Don Bosco prete dei giovani*).

⁷ P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere*, Roma, LAS 1999, pp. 138-139. (D’ora in poi *Prevenire non reprimere*).

⁸ *Id*, p. 138.

Se devemos falar de elementos pedagógicos, a figura de Mãe Margarida resulta fundamental no crescimento de seu filho:

Margarida Occhiena é a primeira educadora e mestra de “pedagogia”. A distância de quase 60 anos ele escreve sobre ela que ‘seu maior cuidado foi de instruir os filhos na religião, ensiná-los a obedecer e ocupar-lhes com coisas compatíveis com a sua idade’.⁹ Em família ele aparece, antes de tudo, no hábito da oração, do dever, do sacrifício, a seu tempo, guiado pela mãe, na prática do sacramento da confissão à idade da razão. Se esforçava, pouco a pouco, um modesto aprendizado de leitura e escrita.¹⁰

Na mesma linha se exprime Dom Egídio Viganò quando escreve sobre a relação entre o crescimento do carisma de Dom Bosco em Valdocco e a sua experiência familiar original:

Esse estilo simpaticamente “familiar” teve suas origens na própria vida do Fundador, na experiência de sua família, guiada por Mãe Margarida. A heroica mudança dessa mãe à Valdocco serviu para impregnar o ambiente daqueles pobres jovens do mesmo estilo familiar, de onde se esboçou a substância do Sistema Preventivo e tantas modalidades tradicionais ligadas a ele. Dom Bosco tinha experimentado que a formação da sua personalidade era vitalmente radicada no extraordinário clima de dedicação e bondade (dom de si) da sua família nos Becchi e quis reproduzir as qualidades mais significativas no Oratório de Valdocco, entre aqueles jovens pobres e abandonados.¹¹

É útil evocar aqui à uma reflexão de Aldo Giraudó em seu artigo intitulado: *O modelo familiar na visão e na experiência de Dom Bosco*¹² porque comenta ulteriormente essa relação entre a experiência de Valdocco e a sua família de origem. Escreve:

Emerge com evidência a intrínseca ligação entre a obra de Dom Bosco e a família, entre a missão específica desta e a missão específica salesiana em um duplo nível. Antes de tudo, as Memórias do Oratório nos fazem compreender que a experiência educativa e relacional vivida por Joao Bosco se tornou recurso e inspiração para a obra do

⁹ “Memórias do Oratório de São Francisco de Sales, de 1815 a 1855”, EDICOES SALESIANAS, PORTO, 2012, p. 17

¹⁰ P. BRAIDO, *Prevenire non reprimere*, p. 139. Cf. Também P. Braido, *Don Bosco prete dei giovani*, vol. I, p. 321, especialmente nota 75: P. Cavaglià – M. Borsi, *Solidale nell’educazione. La presenza e l’immagine della donna in don Bosco*. Roma, LAS 1992, pp. 91-103, *Realtà e simbolo di una madre. Margherita Occhiena nelle Memorie dell’Oratorio*.

¹¹ PADRE EGIDIO VIGANÒ, *Nell’Anno della Famiglia*, Carta publicada em ACG n. 349, 1994; Se pode também recordar a reflexão oferecida por Dom PASCUAL CHÁVEZ na carta publicada em ACG 394, 2006, que traz o comentário da ESTREIA 2006: Dar especial atenção à família, berço da vida e do amor e lugar primeiro de humanização.

¹² A. GIRAUDO, *Il modello familiare nella visione e nell’esperienza di don Bosco*, in <http://www.donboscoland.it/articoli/articolo.php?id=2140>

Oratório, pelo seu método e estilo relacional: a positiva figura materna, mas também a traumática perda do pai, que se resolveu em Dom Bosco em uma sensibilidade mais acentuada pela importância e o papel da figura paterna; e a tipicidade das relações familiares, o clima de acolhida e de intimidade confiante; o espírito de adaptação e de pertença que conotam uma família humana... tudo isso se torna recurso e inspiração para a família educativa do Oratório (modelo inspirador de qualquer outra obra salesiana). Em segundo lugar a obra de Dom Bosco nasce em contexto histórico preciso e em referência a uma tipologia familiar historicamente conotada pela compensação da ausência de uma família ou para sustentar e integrar o papel da família no cuidado das exigências primárias dos jovens, na sua necessidade de afeto, de educação humana e cultural, de formação religiosa e de aperfeiçoamento moral e espiritual a fim de ajudar a realizar a sua vocação pessoal e a prepará-los para a vida e para se inserir na sociedade e na Igreja como membros ativos e úteis. Essa ligação não é somente um dado de fato, mas parte constitutiva e importante para a identidade, a fecundidade da presença salesiana e a sua missão na história.

Esse aceno à compreensão da família na vida, na mente e no coração de Dom Bosco, nos oferece um impulso para descobirmos as inspirações que nos iluminam hoje, enquanto vivemos novos desafios nesse campo pastoral.

4. PARTINDO DA *EVANGELII GAUDIUM*

Não podemos deixar-nos conduzir por *Amoris Laetitia* se antes não partimos da *Evangelii Gaudium*. Oferecendo-nos a *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco nos pediu um claro esforço, mesmo que empenhativo, rumo à meta que ele chama a “pastoral em conversão”:

Não ignoro que hoje os documentos não suscitam o mesmo interesse que noutras épocas, acabando rapidamente esquecidos. Apesar disso sublinho que, aquilo que pretendo deixar expresso aqui, possui um significado programático e tem consequências importantes. Espero que todas as comunidades se esforcem por **actuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão.** Neste momento, não nos serve uma “simples administração”. Constituamo-nos em “estado permanente de missão” (EG n.25)

Partindo desse convite, nos perguntemos: quais são as escolhas que devemos considerar que sustentam o nosso caminho pastoral? De onde podemos começar para que a nossa resposta não seja uma fotocópia pobre e fraca de uma ação que não diz mais nada de novo aos nossos dias? Brevemente

assinalemos dois aspectos que acompanham este percurso: a história como desafio e o modelo da nossa resposta pastoral.

4.1. A história como desafio

O Senhor nos manda viver o seu amor e testemunhar a boa notícia do evangelho “hoje”, “aqui” e “agora”. A história que somos chamados a encontrar e abraçar é essa, não outra. A nossa época, na qual tudo aquilo que se possa chamar de instituições ou institucionais, estão atravessando mudanças grandes, rápidas e inéditas: “a família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais” (EG n.66). Nesse momento, viver a **conversão profunda** significa agir para dar a possibilidade a tantas pessoas que encontramos de experimentar “uma comunhão que cura, promove e reforça os vínculos interpessoais... Nós cristãos insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gl 6,2)” (EG n.67)

Nesses dois pontos, a **mudança de época** e o **convite a converter-se pastoralmente**, temos a síntese desse desafio, que aceitamos com realismo, mas também com determinação e inteligência.

Não é tempo de choromingos, mas de coragem pastoral. A armadilha dos “lamentos autodefensivos” é sempre presente, mas devemos evitá-la com a dignidade e a nobreza daqueles que creem que o presente é tempo de Deus, que somos portadores de uma proposta que é fruto de criatividade missionária, resposta ao chamado de Deus (cf. AL 57).

4.2. Uma resposta pastoral

Eis agora a pergunta que seguramente trazemos no coração: como enfrentar esse desafio? Como viver este chamado em uma sociedade em mudança, em uma sociedade fluida?

No **capítulo IV da Evangelii Gaudium** o Papa Francisco oferece uma ampla reflexão sobre a **dimensão social da evangelização**. É um capítulo muito interessante sobre como não nos é permitido ignorar as vicissitudes históricas que o tempo e a história contém, mas ao contrário: é no interior das vicissitudes humanas, onde se encontram aquelas linhas de ruptura entre o passado e o futuro, entre o velho e o novo, entre o óbvio e o ignorado; que somos chamados a ser presentes com a palavra libertadora do Evangelho. Nós, membros da Família Salesiana estamos presentes nesse momento histórico com uma proposta educativa integral.

A *Evangelii Gaudium* no n. 236 nos oferece o modelo do poliedro, através do qual **observamos e interpretamos as vicissitudes históricas** para depois oferecer propostas validas, que dão luz e oferecem possibilidades de futuro:

O modelo é o poliedro:

- i. Que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade.
- ii. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um.
- iii. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projectos e as suas potencialidades.
- iv. Até mesmo as **pessoas** que possam ser **criticadas pelos seus erros**, têm algo a oferecer que se deve perder. (EG n. 236).

Em quatro breves pontos temos o vocabulário que nos ajuda e acompanha na leitura de *Amoris Laetitia*: **confluência, sinergia, pobres, excluídos**. São palavras que nos obrigam a sair de nossas zonas de conforto, onde “temos sempre feito assim”:

- i. As pessoas que encontramos em nossa busca por convergência com as suas histórias e feridas, mas também com as suas pequenas ou grandes riquezas;
- ii. As sinergias que conseguimos favorecer entre os vários sujeitos empenhados no território, para o bem dos jovens e da família, onde cada um traz o melhor de si;
- iii. A pronta acolhida de quem é pobre, de quem se sente sozinho e abandonado, mas que não significa que não tenha sonhos e projetos de futuro, junto...
- iv. À capacidade de ver o bem escondido no coração de cada mulher e de cada homem, rapariga e rapaz, também as pessoas mais difíceis, as pessoas que podem parecer fora dos esquemas sociais, culturais e religiosos.

São estas as linhas não uniformes, não precisas, mas que no seu conjunto constituem o poliedro pastoral.

Se observamos com atenção a proposta de Dom Bosco em Valdocco, notamos uma impostação pastoral muito similar. Por volta de 1862, escrevendo a propósito dos jovens do Oratório, os vê, como disse ele, “em três classes”: transviados, levianos e bons. Aquilo que hoje nos interessa é ver como diante de alguns casos difíceis, os “levianos”, que hoje chamaremos os “descartáveis” da sociedade, Dom Bosco consegue lançar um olhar de compaixão, oferecer um

espaço de inclusão e assegurar uma possibilidade de futuro. Faz tudo para favorecer um ambiente onde o coração do bom pastor, coração sem prejuízos e sem pré-exclusões, faz brotar o bem escondido no coração de cada ser humano.¹³

5. AMORIS LAETITIA

Com as chaves de leitura de *Evangelii Gaudium* procuremos ler *Amoris Laetitia* através do filtro do carisma salesiano. A seguir, apresentamos três linhas que podem ajudar os nossos caminhos pastorais, na plena consideração do fato de que somos hoje vários grupos da Família Salesiana, em situações sociais e culturais diversas, com aproximações e métodos pastorais típicos de cada grupo.

As três linhas são como três indicações que tem como escopo: primeiro, examinar **os pontos de partida**, ou seja, as nossas posturas pastorais; segundo, questionar-nos e examinar quais são **os critérios e os objetivos que sustentam nossa visão pastoral**; terceiro, estudar bem quais são as **escolhas que colocamos em ação** para que as nossas posturas pastorais justas, junto aos critérios e aos objetivos que nos propomos, atinjam a meta desejada: o bem dos jovens e da família.

5.1. Posturas Pastorais

Diante dos desafios pastorais que encontraremos, é fundamental iniciar com a pergunta: como lemos os desafios? Qual a nossa postura de fundo nesse cenário: proximidade ou distância? Escuta ou julgamento? Empatia ou refutação? Compaixão ou senso de superioridade? Prontidão ao serviço ou prontidão ao servir-se?

No **2º capítulo de *Amoris Laetitia***, o Papa Francisco nos indica **alguns desafios em nosso caminho**. Entretanto, o que mais nos toca é o modo como o Papa os

¹³ *O bons se conservam e progredem no bem de forma maravilhosa. Os levianos, isto é, habituados a andar por aí e trabalhar pouco conseguem até um bom resultado om o trabalho, a assistência, a instrução e a ocupação. Os transviados dão muito trabalho; se se consegue fazer com que eles tenham um pouco de gosto para trabalhar, em geral são conquistados por nós. Com os meios acima indicados foi possível obter alguns resultados conforme segue: 1º que não fiquem piores; 2º muitos criam juízo e por consequência começam a ganhar seu pão honestamente; 3º mesmo aqueles que sob vigilância pareciam insensíveis, com o tempo se tornam, senão completamente, pelo menos em parte mais acessíveis. Deixa-se para o tempo que os bons princípios que tiveram oportunidade de conhecer quanto à maneira de como se deve proceder produzam fruto.* in “Dados históricos sobre o Oratório de São Francisco de Sales” in Fontes Salesianas, Brasília, EDB, 2015, p. 105

propõe. O seu intento é ajudar-nos a ver os desafios como janelas voltadas para as oportunidades que nos esperam.

- a. Antes de tudo, devemos estar prontos a **ler o cenário** que se nos apresenta com as “mudanças antropológico-culturais, em razão das quais os indivíduos são menos sustentados do que no passado pelas estruturas sociais em sua vida afetiva e familiar (n.32) junto com o “crescente perigo representado pelo individualismo exagerado que desvirtua os vínculos familiares” (n.33). Esse é o primeiro compromisso irrenunciável de cada pessoa chamada a assumir o empenho pastoral: ler a história onde somos enviados. Escutar o pulso do território é sinal de proximidade e de interesse da nossa parte, que queremos ser peregrinos com os jovens e as famílias. A falta de leitura do cenário onde o Senhor nos envia é já um primeiro sinal preocupante. Ao contrário, será um forte sinal o que daremos através da nossa postura de escuta, de abertura e de disponibilidade.

- b. Enquanto educadores e pastores dos jovens, **devemos evitar uma leitura pastoral superficial**, que corre o risco de nos induzir em um beco sem saída de pessimismo. Um elemento privilegiado da nossa educação salesiana consiste na capacidade de favorecer “uma personalização que se fundamenta na autenticidade ao invés de reproduzir comportamentos preestabelecidos. Nós portamos e vivemos aquela grande proposta que leva os jovens a objetivos nobres, uma disciplina pessoal que permite a eles amadurecerem o melhor de si: “a liberdade de escolher permite projectar a própria vida e cultivar o melhor de si mesmo, mas, se não se tiver objetivos nobres e disciplina pessoal, degenera numa incapacidade de se dar generosamente” (n.33). Uma leitura pastoral superficial faz perder toda essa prospectiva da plenitude humana.

- c. Junto a essa postura pastoral que favorece uma leitura sadia da situação, o Papa sugere **a coragem do testemunho e da palavra**. Nos exorta a não ser *renunciadores*. Os desafios são como chamados, que devem ser assumidos com inteligência e gerenciados com criatividade pastoral: “como cristãos, não podemos renunciar a propor o matrimónio, para não contradizer a sensibilidade actual, para estar na moda, ou por sentimentos de inferioridade face ao descalabro moral e humano; estaríamos a privar o mundo dos valores que podemos e devemos oferecer” (n.35). **Encontrar o equilíbrio não significa estabelecer alguns compromissos**, mas abrir um caminho no coração das pessoas, um

coração que está à procura de testemunhas autênticas, que vivem aquilo que creem.

- d. Em relação à coragem do testemunho e da palavra, o Papa não fala da uma postura militante de um cruzado. Se, por um lado, a denúncia é justa, por outro, o caminho diante de nós não segue a lógica de “impor normas com a força da autoridade” (n.35). Nesse momento histórico em que “É-nos pedido um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimônio e a família, de modo que as pessoas estejam melhor preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece” (n.35). E este é um trabalho muito empenhativo, que pede muita reflexão.
- e. O parágrafo n.40 nos pede de refinar a capacidade de encontrar **a justa linguagem para os jovens**. Ousamos **chamar o parágrafo n.49 como “parágrafo salesiano”** porque nos força a reconhecer o desejo de “encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio de matrimônio” (n.40). E aqui não se trata apenas de palavras, mas de fazer amadurecer uma visão pastoral com processos que falam **dos jovens e aos jovens**. Não precisamos andar à procura de um vocabulário para eles, mas o vocabulário já se encontra na maneira como afrontamos o desafio, como o lemos, como respondemos a ele. Nesse sentido, devemos aprender este vocabulário a partir de nossa autenticidade, mas também a partir da humildade de nos colocar na frequência das ondas dos jovens. Se estamos “fisicamente” longe dos jovens, somos não somente “efetivamente” distantes, mas provavelmente também “afetivamente” distantes. Aqui o discurso da linguagem dos jovens toca toda a esfera da assistência salesiana que continua a ser um dos segredos mais geniais, e mais atuais, de Dom Bosco.
- f. Eis agora o último desafio, que o Papa Francisco comenta mais vezes, em várias partes da exortação: o desafio de uma **criatividade missionária**. **Sem choramingos, mas com esperança e profecia:**

As realidades que nos preocupam, são desafios. Não caímos na armadilha de nos consumirmos em lamentações autodefensivas, em vez de suscitar uma criatividade missionária. Em todas as situações, «

a Igreja sente a necessidade de dizer uma palavra de verdade e de esperança. (...) Os grandes valores do matrimônio e da família cristã correspondem à busca que atravessa a existência humana (n.57).

Com este sadio otimismo, radicado no chamado, as dificuldades que constatamos são “um apelo para libertar em nós as energias da esperança, traduzindo-as em sonhos proféticos, ações transformadoras e imaginação da caridade” (n. 57).

Para todos nós, como grupos da Família Salesiana, antes de qualquer passo rumo à formulação de uma proposta, é urgente e indispensável encontrar espaços para a **reflexão** e para a **oração** a fim de **purificar, verificar e reforçar as nossas posturas pastorais**. Com essas escolhas de fundo, essas posturas pastorais, vivemos e assumimos nosso chamado “à luz da parábola do semeador (cf. Mt 13, 3-9), a nossa tarefa consiste em cooperar na sementeira: o resto é obra de Deus” (n. 200).

Somente com esta lógica, como Igreja, alcançaremos “as famílias, com (a humilde compreensão), o desejo de « acompanhar todas e cada uma delas a fim de que descubram a saída melhor para superar as dificuldades que encontram no seu caminho” (n.200). Oração e reflexão para saber-nos radicar na lógica de Deus, mas também na história das pessoas. Refletir para responder em uma maneira que supere a comum e perigosa superficialidade pastoral, porque “não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projetos pastorais” (n.200). Sobre isto, no entanto, retornaremos mais adiante.

5.2. Critérios pastorais

Tais posturas conduzem a uma série de critérios que, por sua vez, fazem nascer propostas pastorais. Nessa parte de nossa reflexão, oferecemos alguns critérios pastorais, destacados dos **capítulos 5,6,7 e 8 de *Amoris Laetitia***. Como sugere o Papa, ao início da Exortação Apostólica, é desejável que este documento seja levado em consideração como **instrumento de estudo e de reflexão enquanto não é um manual de respostas, mas acima de tudo, um convite a nos colocar em atitude de escuta e serviço**.

a. A fecundidade do amor que gera

Um primeiro critério pastoral é partir da compreensão do amor, na **lógica da fecundidade, no senso mais amplo possível**. O amor gera, o amor fecunda onde se aceita vivê-lo. Nos perguntemos: nos processos educativo-pastorais o que significa para nós interpretar a nossa ação e testemunho na lógica do amor que dá vida? O que quer dizer para nós, agentes de pastoral, fazer nosso o

desafio de “descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender” (n.166)? Como fazemos refletir nos nossos planos pastorais” o primado do amor de Deus que sempre toma a iniciativa, porque os filhos « são amados antes de ter feito algo para o merecer »” (n.166)? Que tipo de imaginação pastoral é preciso amadurecer para ir ao encontro de “numerosas crianças são rejeitadas, abandonadas e subtraídas à sua infância e ao seu futuro” e que crescem com a sensação de que “foi um erro tê-las feito vir ao mundo” (n.166)?

São questões ouvidas dentro dos vários processos educativos-pastorais e nos confrontos, as quais devemos ao menos reagir. Os nossos critérios pastorais tem necessidade de nutrir-se de ideias e convicções fortes, mas também de deixar-se desafiar por perguntas incômodas; senão corremos o risco de fazer muitas coisas sem saber o porquê, muito menos o “para onde”! A lógica da fecundidade, a compreensão do amor que é generativo, dão sentido e direção às nossas escolhas pastorais, sejam elas de curto ou longo prazo.

b. Responder à ausência de paternidade e maternidade

Um segundo critério que deve iluminar a nossa reflexão é **entender e responder à “ausência de paternidade e maternidade”**. Nesse ponto nos deixamos interpelar pelo desafio da ausência de modelos pela qual, por um lado, os nossos jovens procuram superar a sua orfandade; enquanto, por outro, reencontramos a desorientação de muitos genitores que se encontram sem um vocabulário com o qual conectar-se com o mundo dos filhos.

O que quer dizer hoje para nós, encontrarmo-nos nessas linhas de galha, nesse terreno “remexido” e desintegrado? Quais são as respostas que podemos oferecer através de processos e propostas educativo-pastorais? Aqui entra em jogo a necessidade de uma reflexão aprofundada, que, enquanto encontra e interpreta esse sentido de vazio e de busca, será também uma reflexão que propõe caminhos e escolhas pastorais.

c. A família é sujeito pastoral

Caminhando mais ao centro das nossas experiências pastorais e à luz de quanto foi partilhado até agora, nos ajuda muito o estudo aprofundado do **capítulo 6 de *Amoris Laetitia***, a partir do qual começo o terceiro critério de fundamental importância: as famílias são os principais sujeitos da pastoral familiar:

Os Padres sinodais insistiram no facto de que as famílias cristãs são, pela graça do sacramento nupcial, os sujeitos principais da pastoral familiar, sobretudo oferecendo « o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas ». Para isso

– sublinharam – é preciso fazer-lhes « experimentar que o Evangelho da família é alegria que “enche o coração e a vida inteira”, porque, em Cristo, somos “libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento (n. 200)

Esta chamada de atenção é um critério pastoral de primeira importância, se queremos que a nossa proposta pastoral seja **verdadeira, atual e plena de significado**. Na medida em que pensamos a família como protagonista, então superamos a já acenada superficialidade pastoral, e, ao contrário, conseguimos ser verdadeiramente artífices e testemunhas de processos pastorais.

O Papa Francisco nos adverte que “Não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projectos pastorais; **para que as famílias possam ser sujeitos cada vez mais activos da pastoral familiar, requer-se « um esforço evangelizador e catequético dirigido à família » que a encaminhe nesta direção”** (n. 200).

É neste ponto que a Exortação Apostólica, no **n. 201**, que o Papa Francisco nos chama àquela “conversão missionária” dentro da qual compreendemos que “é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas”. Eis **três orientações** bem claras, que podem nos servir seja como exame de consciência pessoal e comunitário, como para uma valoração serena, mas sincera, das nossas propostas pastorais:

- i. A pastoral familiar deve fazer experimentar que o **Evangelho da Família** é resposta aos anseios mais profundos da pessoa humana: à sua dignidade e à sua realização plena na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade;
- ii. Seja sublinhada a necessidade de **uma evangelização que denuncie** com franqueza os condicionamentos culturais, sociais, políticos e económicos;
- iii. Seja desenvolvido um **diálogo e uma cooperação com as estruturas sociais**, e **sejam encorajados e sustentados os leigos que se empenham**, como cristãos, em âmbito cultural e sociopolítico (n.201).

Essas três orientações- **Evangelho, denúncia e sinergia**- no contexto de um critério pastoral claro que tome a família como protagonista, não se esgota em exortações piedosas, muitos menos em eventos pontuais. Se trata de um processo que deve ser pensado, refletido e partilhado entre todos aqueles que fazem parte da presença ou experiência pastoral: jovens, animadores, docentes, catequistas, pais e quantos participam do projeto educativo-pastoral. Comentaremos mais adiante as implicações que isso comporta.

d. A gradualidade pastoral

Por fim, o quarto critério: **a gradualidade na pastoral** (n.293), o encontramos comentado no **Capítulo 8**, através do trinômio “acompanhar”, “discernir” e “integrar”. O capítulo começa com a apresentação desse critério pastoral nas seguintes palavras: “aqueles que fazem parte da Igreja, precisam duma atenção pastoral misericordiosa e encorajadora” (n. 293). A questão que nos colocamos é a seguinte: Como esse critério ilumina nossa proposta pastoral? O que significa e como se traduz o trinômio “acompanhar”, “discernir” e “integrar”?

Nesse ponto, somos chamados a refletir bem como nossas propostas e nossas estruturas podem dar verdadeiros sinais de proximidade, especialmente àquelas famílias que se encontram na periferia, não somente religiosa e eclesial, mas também social, cultural e econômica. Para nós, o desafio é traduzir o trinômio “acompanhar”, “discernir” e “integrar” em um vocabulário educativo-pastoral que possa assumir a seguinte forma: “acolher”, “envolver” e “formar”.

- i. **Acolher (acompanhar):** oferecer espaços de escuta nos quais as pessoas, jovens e adultos, percebam que a obra e a presença são uma “casa”, onde todos os agentes de pastorais são irmãs e irmãos prontos a partilhar o caminho, sem preconceitos e sem exclusões;
- ii. **Envolver (discernir):** propor oportunidades e processos nos quais os jovens e os pais são convidados a ser membros ativos, protagonistas, cada um segundo a sua capacidade e possibilidade. Em outras palavras, que a presença, com a sua proposta educativo-pastoral, seja uma experiência onde as fronteiras da participação se alargam segundo a potencialidade das pessoas. Na lógica dos círculos concêntricos, não existem limites; postos pelo prazer, pelo preconceito ou pelo juízo auto-referencial de quem é chamado a ser servo(a);
- iii. **Formar (integrar):** comunicar uma visão pastoral que não se limite somente a oferecer um produto aos nossos jovens e às nossas famílias, mas partir por outro caminho. Uma visão que habilite, forme, faça-os testemunhas e multiplicadores, eles mesmos, que tendo sido acolhidos e envolvidos, no devido tempo cheguem a ser não somente discípulos, mas também apóstolos.

5.3. Escolhas operativas

Chegamos à última parte desta reflexão: as escolhas operativas. Aqui nos voltamos à primeira parte- identidade, carisma, comunidade- isto é, partimos das nossas raízes para olhar o futuro com esperança e otimismo.

a. Comunidade

A Família Salesiana encontra na memória dos inícios de Valdocco, o coração pastoral de Dom Bosco. Diante de uma proposta pastoral sempre mais envolvente, de modo particular em relação à grande potencialidade que a família nos oferece hoje em dia; somos chamados a refletir como o estilo e o paradigma comunitário de viver o carisma salesiano é a forma salesiana de animação de todas as realidades educativas.

Como comentaremos mais adiante, contemplando a origem do carisma salesiano, **encontramos um Dom Bosco que constitui, entorno a si uma comunidade-família, onde era comunicada aos jovens uma experiência de um protagonismo sadio e válido.** O Oratório continua a ser um ponto de referência de uma proposta com objetivos claros, vividos na convergência de papéis, pensados em função dos jovens. O carisma de Dom Bosco encontra o seu *húmus* nesse tipo de experiência educativo-pastoral. Dessa comunidade-família nasceram a Congregação e a Família Salesiana. Dessa mesma fonte, continuamos a nutrir-nos hoje.

À luz das oportunidades pastorais que se apresentam, viver e realizar a missão de Dom Bosco nos dias de hoje, nos pede um esforço não tanto de criar novas estruturas que se agreguem aos outros organismos de gestão e de participação existentes nas diversas obras ou ambientes pastorais, mas criar **uma mentalidade renovada rumo a uma maior comunhão que viva os diversos dons e carismas** como uma realidade complementar, em mutua reciprocidade, à serviço da mesma missão.

Se a evangelização é fruto de um percurso comunitário, uma missão entre consagrados e leigos, que unem as suas forças em colaboração, na troca de dons, mesmos nas diferenças de formação, de tarefas, de carisma e de graus de participação a essa missão; então a Família Salesiana deve empenhar-se para que nossa ação pastoral passe de uma ação de operários singulares para uma maior coordenação das diversas intervenções, uma busca de compreensão e complementaridade entre todos, uma busca de colaborações, um esforço de organicidade e de projeção.

As nossas presenças, as nossas propostas sejam continuação daquilo que nosso

Pai e Mestre vivera nas origens: **uma comunidade de pessoas, orientada à educação dos jovens**, que possam se tornar para eles uma experiência de Igreja e lhes abra para o encontro pessoal com Jesus Cristo.

b. Projeto

Uma comunidade de educadores/educadoras orientada à educação dos jovens pressupõe um projeto educativo-pastoral. A improvisação faz nascer somente confusão. Um primeiro desafio que já conhecemos; e que o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* e na *Amoris Laetitia*, nos convida a tomar a sério, é o da conversão pastoral: uma **reconstrução de sentido de pertença amadurecido e também da renovação de mentalidade**, no nosso modo de pensar, de valorar e de agir, de colocar-se diante dos problemas e ao estilo das relações: com os jovens, entre os educadores, os agentes de pastoral e as famílias.

Devemos fazer nossa a profunda convicção de que **as iniciativas e as propostas pastorais mais significativas se articulam em rede.** Todos os protagonistas, educadoras/educadores, jovens, famílias, colaboram nos diversos níveis de elaboração das propostas e caminhos pastorais. A experiência de uma comunidade ou grupo que propõe é o centro de convergência donde se fazem reais: a) a **comunhão de critérios** (mentalidade); b) a **convergência de intenções** (objetivos) e; c) a **organicidade das intervenções** (corresponsabilidade, confronto, pesquisa, verificação).

Essa mentalidade projectual é e será o grande desafio para a Família Salesiana, mas também o grande dom. Porque nessa mentalidade projectual se amadurecem as duas faces do coração de Dom Bosco: a **“caridade pastoral”** e a **“inteligência pedagógica”**. O mundo juvenil exige de nós um renovado empenho, vivido na constância, com continuidade e comunitariedade dos diversos agentes educativos e entre eles. Ocorre que todos reconheçam e se empenhem entorno de uma proposta unitária. O individualismo pastoral e uma proposta pastoral fragmentada não têm futuro, porque são um contratestemunho no presente.

Portanto, é necessário um projeto capaz de continuar a “tradição” e, ao mesmo tempo, de amalgamar o “novo”. Não é admissível que se recomecem continuamente do zero a cada mudança de responsabilidades ou a cada renovação da equipe.

Projetar é uma postura da mente e do coração, que depois se torna uma obra concreta. Projetar é um processo, mais que um resultado; projetar é um aspecto da pastoral mais que um ato passageiro; projetar é um percurso de envolvimento e de unificação das forças.

É aqui que se encontra o coração, ao mesmo tempo, a prova da resposta que nós, como Família Salesiana, daremos à Igreja e ao mundo em relação à família. Se nos empenhamos entorno à **criação de uma comunidade que se faz presente com os jovens e para os jovens com o coração do bom Pastor**, se como comunidade nós, juntos, levamos adiante um projeto educativo pastoral credível para e com a família.

Dentro do projeto, reconhecemos a família, a primeira e indispensável comunidade educadora, a reconhecemos na sua verdade, na sua potencialidade: a célula da sociedade e da Igreja, sujeito primeiro, não somente na transmissão da vida, mas na missão educativa, sujeito insubstituível e inalienável.

c. Acompanhamento

Uma comunidade que propõe e vive um projeto sente a necessidade não apenas de acompanhar, mas também de ser acompanhada. **A comunidade que vive um projeto é um organismo vivente, que existe na medida em que cresce e se desenvolve.** Por isso não se deve cuidar somente de sua organização, mas, sobretudo, desenvolver a sua vida. Podemos individuar três níveis de relações as quais devemos zelar neste acompanhamento:

i. Acompanhamento de ambiente

O ambiente onde se vive a experiência educativo-pastoral salesiana deve ser acompanhado. Cada um dos ambientes se constrói como uma realidade viva e é neles que os jovens se sentem na própria casa, em clima de apoio e circulação de ideias e afectos. E se falamos de jovens, a mesmo devemos dizer de todos aqueles que assumem a educação dos filhos, *in primis* os genitores.

O ambiente deve ser entendido como o espaço onde jovens e adultos se sentem acolhidos e envolvidos. Nessa ótica, o ambiente oferece aos jovens e às famílias, espaços, processos e pessoas com os quais possam identificar-se. Um ambiente cuidado e acompanhado **faz nascer processos de formação permanente de qualidade** e a diversos níveis: humano, espiritual, cristão e salesiano.

ii. Acompanhamento de grupo

Devemos propor **a experiência de um itinerário** a todos aqueles que entram em contato com uma proposta de vida e de espiritualidade salesiana. Ao ensinar valores como o respeito, a gradualidade e a diferenciação, tais itinerários reconhecem e respondem a duas grandes dimensões: a dimensão da **pertença** e da **identidade**. Por um lado, a experiência de grupo vem ao encontro do desejo de ser protagonistas, de sentir-se a caminho com os demais. Em

conexão com esta dimensão, o grupo dá identidade, ativa iniciativas e processos, faz nascer sinais de vitalidade que permitem aos jovens e às famílias entrarem em contato com propostas de valores humanos e de fé que, no fim, são assimilados de maneira vital.

Quantos jovens e quantas famílias que encontramos redescobriram a própria fé, ou melhor, a descobriram, ao fazer experiência em uma das nossas presenças, participando de qualquer grupo ou experiência levada avante em nossas presenças! Os grupos nesses ambientes, cada um com a sua experiência particular, e o conjunto dos grupos em comunhão, devem deixar-se impelir por este clima de pertença partilhada, de apoio recíproco. Nessa estrada a Família Salesiana é experiente em ser promotora de uma verdadeira experiência de comunidade, isto é, de Igreja.

iii. Acompanhamento pessoal

Uma terceira tarefa que se projeta diante de nós é a do acompanhamento pessoal. É a mais empenhativa e, por consequência, a que detém importância crucial.

Aqueles que possuem a responsabilidade pastoral nos grupos da Família Salesiana não podem esquecer-se jamais que “se um cego guia outro cego, ambos cairão no buraco (Mt 12,14). **Crescer rumo à maturidade humana e cristã que depois saiba crescer e iluminar a outros, não é um luxo, é uma urgência!** Um clima autenticamente salesiano consegue propor caminhos nos quais seja oferecida às pessoas a oportunidade de serem reunidas em sua individualidade, “face a face”.

A ação salesiana quer despertar nos jovens e nas famílias uma colaboração ativa e crítica, medida sobre as próprias possibilidades. Os tempos que podem apresentar-se para essas experiências de crescimento pessoal não são os mesmos para todos nem são iguais as situações e decisões diante das quais os jovens e as famílias se encontram. Aqui a criatividade pastoral, junto com a prudência e o respeito pelas pessoas têm um caráter determinante.

Entre estas experiências de crescimento encontra-se a direção espiritual, durante a qual se consolida a fé como vida em Cristo e como sentido radical da existência. Essa, ajuda a discernir a vocação pessoal de cada um na Igreja e no mundo e a crescer constantemente na vida espiritual na busca da santidade como meta.

Claro que, nesse ponto, entramos em uma esfera que deve ser bem pensada, refletida e programada. Se, por um lado, somos todos convencidos que se sente sempre mais urgente o desejo de pessoas prontas para a escuta e a acolhida na confiança e respeito, por outro, somos também conscientes de que necessitamos pessoas com o dom da escuta e que aceitem a responsabilidade educativa de assistir os jovens e as famílias no seu esforço de crescimento.

CONCLUSÃO

Concluo com uma citação escrita há vinte e dois anos, em 1994. Naquele ano dedicado à família, o padre Egídio Viganò escreveu uma carta¹⁴ que à luz do que estamos vivendo hoje possui um caráter profético muito forte:

O argumento “família” é muito importante para nós, para o deixa-lo cair no esquecimento após o fim desse ano. Devemos considerar o ano de 1994 como uma janela aberta obre o vasto horizonte que toca a atualidade do nosso carisma e oferece tantos aspectos urgentes e novos à nossa missão de evangelização.

É necessário, portanto, nos entreter seriamente sobre como o tema da família investe em profundidade o **nosso processo de renovação**. Ele servirá para **nos sentirmos mais no coração da Igreja e mais inseridos de forma solidária com o mundo e com a sua história**. O Espírito do Senhor nos suscitou no Povo de Deus com uma missão específica de "pastoral juvenil". Nós sabemos, e temos repetido várias vezes, não é possível conseguir uma pastoral juvenil autêntica, sem uma relação concreta e harmoniosa com a “pastoral familiar”.

Perguntemo-nos: pode um educador hoje formar a pessoa dos seus jovens sem aprofunda, esclarecer e reavivar os valores da família? É possível na Igreja realizar a nova evangelização sem recuperar com profundidade e novidade os temas da sexualidade, casamento e vida conjugal?

A essa pergunta que nos desperta rumo a uma visão pastoral viva, Padre Viganò conduz o discurso para o caminho das propostas pastorais:

Acredito sinceramente que estamos todos convencidos desta nossa relação evangélica com as famílias. **O problema está agora nas exigências da nova evangelização, que coloca as famílias no primeiro lugar dos cuidados pastorais**. Temos de rever com atenção especial esta área de engajamento que toca vitalmente nossas atividades educativas, o cuidado dos leigos e a nossa colaboração com as prioridades pastorais da Igreja local.

Chegando ao fim dessa reflexão, auguro e rezo que, se entre 22 anos, devesse propor de novo o tema da Família à Jornada de Espiritualidade Salesiana, se possa dizer que percorremos um belo caminho. Obrigado!

¹⁴ PADRE EGIDIO VIGANÒ, *Nell'Anno della Famiglia*, Carta pubblicata em ACG n. 349, 1994.

Igreja, Família, Educação: Leitura salesiana de *Amoris Laetitia*

Andrea Bozzolo, sdb. Professor de Teologia Sistemática

INTRODUÇÃO

As mudanças culturais que a família tem atravessado atualmente, solicitam a atenção da Igreja de diferentes maneiras, propondo desafios pastorais e educativos inéditos e muito complexos. Nesse sentido, a partir do Concílio Vaticano II, a comunidade eclesial tem desenvolvido uma ampla reflexão acerca do matrimônio e da família, reconhecendo em tais questões elementos fundamentais para a sua própria vida e missão. A celebração de três sínodos dedicados ao tema é um sinal evidente dessa atenção: o primeiro em 1980, retomado na exortação apostólica pós-sinodal de João Paulo II *Familiaris Consortio* (1981); e os dois sínodos recentes, o primeiro, extraordinário, de 2014 e o sínodo ordinário de 2015, cujos resultados foram incluídos na exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* (2016).

A particular preocupação da Igreja com a família nasce, por um lado, da percepção da crise que esta instituição tem passado na nossa sociedade, sobretudo no mundo ocidental. Como é sabido, esta crise se manifesta no crescente número de separações e divórcios, na difusão da coabitação fora do matrimônio, na prática de hábitos afetivos questionáveis, nas diferentes atitudes de fechamento em relação à vida, na marginalização dos idosos, e, mais recentemente também, na afirmação de ideologias intrinsecamente anti-familiares. Esta situação transmite a impressão de que, em muitos casos, foi levantado um muro que não permite a comunicação entre a cultura afetiva contemporânea e a mensagem cristã. Ao voltar constantemente sua reflexão sobre a família, a Igreja demonstra que não deseja resignar-se ou temer as mudanças da história, mas antes, deseja compreendê-la e habitá-la, para fazer ressoar também no interior da cultura afetiva de hoje a palavra do Evangelho em modo jovial e convincente.

O segundo motivo pelo qual a Igreja dedica tanta atenção à pastoral familiar é a renovada consciência do protagonismo que a família pode e deve ter na transmissão da fé. A própria escolha de um título positivo e alegre como "*Amoris Laetitia*" ao documento pós-sinodal, indica uma vontade de lidar com as questões relacionadas à família a partir de um posicionamento construtivo.

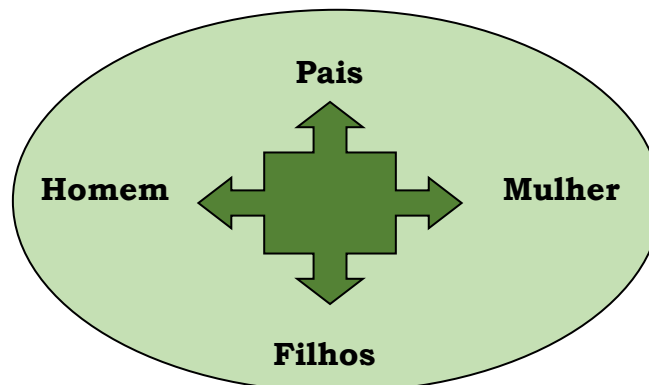
Essa perspectiva ajuda a compreender que, apesar das dificuldades do presente, a família não é, acima de tudo, um problema a ser resolvido, mas uma energia a ser ativada, uma fonte de vida cristã que pode e deve expressar melhor todo o seu potencial. Deste modo, ao olhar positivamente para a família, a Igreja nos convida a nos libertar do clericalismo que muitas vezes condiciona nossos argumentos pastorais. Refletir sobre a pastoral familiar não significa que sacerdotes e agentes pastorais tem que "resolver" a crise da família, mas que o povo de Deus, formado por famílias, é chamado a redescobrir juntos o frescor e a beleza de viver a aliança conjugal iluminada pela presença de Cristo ressuscitado. A alegria do amor é um dom do Ressuscitado à sua Igreja, um fruto do Espírito Santo para ser acolhido com alegria e testemunhado com força e energia. Esta alegria é também, como sabemos, um dos recursos fundamentais para realizar a ação educativa.

Com a Estreia desse ano, o Reitor-mor convida toda a Família Salesiana a sintonizar-se com a comunidade eclesial na busca das melhores formas de acompanhamento das famílias e a contribuir com os recursos específicos que brotam do nosso carisma educativo. A reflexão que vos proponho procura realizar, como me foi solicitado, uma leitura salesiana de AL. Obviamente não farei uma apresentação material do documento, que após um ano da sua publicação já é conhecido por todos; mas procurarei sublinhar alguns aspectos que me parecem mais relevantes para o nosso carisma. A minha reflexão será articulada em quatro momentos dedicados respectivamente a (1) delinear os elementos constitutivos da família (2) propor chaves de leitura da AL (3) trazer à tona a intenção de fundo do documento (4) sugerir algumas possibilidades de escuta "salesiana" das indicações do Papa.

1. A FAMÍLIA ENTRE NATUREZA E CULTURA

O *Catecismo da Igreja Católica* apresenta a família nos seguintes termos: "Um homem e uma mulher, unidos em matrimônio, formam com os seus filhos uma família. Esta disposição precede todo e qualquer reconhecimento por parte da autoridade pública e impõe-se a ela. Deverá ser considerada como a referência normal, em função da qual serão apreciadas as diversas formas de parentesco" (CIC 2202). Do texto do *Catecismo* emergem com clareza os elementos constitutivos da experiência familiar: a conjugalidade e a geração. O primeiro elemento implica a diferença sexual e a aliança conjugal. O segundo a geração dos filhos e a integração social.

Articulada segundo os dois eixos de gênero e geração, sem dúvidas, a família tem um papel arquitetônico para o mundo humano. Realmente, é na intersecção desses dois eixos que se encontra o núcleo de toda a antropologia.



Isso ocorre porque a conjugalidade e a parentalidade estão enraizadas no que o homem é de mais “natural”, isto é, o encontro entre sexualidade e fertilidade. Ao mesmo tempo, isso ocorre sempre em formas que são confiadas à liberdade dos sujeitos e as mediações da "cultura"; isso quer dizer que ocorre sempre em formas plásticas e mutáveis, que variam de acordo com o tempo e lugar e nunca podem ser consideradas um processo de desenvolvimento automático e permanente. Isso deve ser levado em séria consideração para não se realizar um discurso genérico e abstrato sobre a família, mas tentar encontrar as chaves de leitura mais adequadas para diferentes situações culturais.

Em algumas épocas e culturas o eixo vertical da parentalidade tem precedência sobre o da conjugalidade: nesse sentido, a família é compreendida principalmente como o lugar da geração dos filhos, a ponto de ser “instrumentalizada” para essa finalidade. Isso pode acontecer moderadamente, mas também em formas mais explícitas, que podem trazer graves consequências sobre o modo de compreender, por exemplo, o papel da mulher e a sua vocação à maternidade. Nestes casos a dimensão comunitária (a tribo, o clã, os pais, ocasionalmente o próprio estado) prevalece sobre a dimensão pessoal; a busca pela fecundidade torna a relação conjugal menos significativa, a ponto de justificar a poligamia; pode haver formas de negligência educacional para com os filhos; a virgindade cristã é rejeitada como um comportamento sem sentido; e assim por diante.

Em outras épocas e culturas, no entanto, o eixo horizontal da aliança conjugal pode prevalecer sobre o eixo “generativo” da parentalidade: a família é, então, compreendida como um “casal”, uma experiência de gratificação afetiva, até ao ponto de se “instrumentalizar” a presença dos filhos à compreensão afetiva do homem e da mulher. Também neste caso surgem notáveis distorções antropológicas: a dimensão privada e subjetiva prevalece

sobre a dimensão social e institucional; a geração dos filhos se torna uma mera possibilidade adiada por anos; se perde o sentido da responsabilidade pública assumida na escolha de constituir uma relação estável entre homem e mulher; se pode chegar ao ponto de se enfraquecer a diferença sexual, como está acontecendo hoje no Ocidente, com o pretexto de se assimilar as uniões homossexuais ao contexto de família.

É claro que a situação ideal acontece quando os dois eixos são bem harmonizados entre si e quando a sua relação com a sociedade como um todo não é de sujeição nem de marginalização. Refletir sobre este aspecto é importante para se compreender que a família não é uma realidade estática e "imutável", no sentido de ser uma instituição humana sem um caminho de desenvolvimento histórico. A família, como todos os componentes da experiência humana, é uma realidade plástica e mutável, habitada por um dinamismo profundo que a leva a desenvolver-se de modo frutífero e radiante, mas que também a expõe a momentos de dificuldade e crise.

Isto aplica-se antes de tudo à família como realidade concreta em si mesma (a partir do momento em que dois jovens se conhecem, se comprometem, até quando se casam, tem filhos em mais tarde, netos); e aplica-se também ao contexto familiar dentro do sistema social, com a mudança de formas de seu reconhecimento simbólico e jurídico, com a mudança de papéis e de sua estrutura. Como o carisma salesiano se espalhou em muitas áreas e culturas diferentes, é importante procurar entender quais são as características, potencialidades e desafios relacionados à experiência familiar do contexto em que se trabalha.

2. CHAVES DE LEITURA DE AL: A FORMA DO TEXTO E A LÓGICA DO ACOMPANHAMENTO

A breve referência à complexidade histórica da experiência familiar nos diversos contextos nos pressiona a apreciar um dos aspectos fundamentais da AL, que constitui também a primeira chave de leitura que sugiro para a interpretação do documento. Se trata da escolha que o papa Francisco fez de falar da família a partir de uma "grande história" e não através de um "tratado". Todos os comentaristas da exortação ressaltaram o estilo do texto, que toca os corações pela sua imensa capacidade de aderir ao cotidiano. Em ocasião da apresentação oficial do documento o cardeal Schönborn foi capaz de afirmar:

Para mim, *Amoris Laetitia* é, antes de tudo, um "acontecimento de linguagem", assim como está a ser *Evangelii Gaudium*. Algo mudou no discurso eclesial. Esta mudança de linguagem já era perceptível durante o caminho sinodal. Entre as duas sessões sinodais de outubro de 2014 e outubro de 2015 se

pôde perceber claramente como o tom se tornou mais rico de afeto, como se estivéssemos simplesmente a acolher as situações da vida, sem julgá-las ou condená-las imediatamente. Em *Amoris Laetitia* este se tornou o tom linguístico contínuo. Por trás disso não há, naturalmente, apenas uma opção linguística, mas um profundo respeito diante de cada homem que nunca é, em primeiro lugar, um “caso problemático” em uma “categoria”, mas uma pessoa inconfundível, com a sua própria história e seu percurso com e para Deus. Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco escreve que devemos tirar as sandálias diante do solo sagrado do outro (EG 36). Esta atitude fundamental perpassa toda a exortação.

O registro linguístico usado pelo papa Francisco para falar da família merece ser aprofundado, porque não é questão apenas de forma, mas sobretudo de substância.

Amoris Laetitia, de fato, fala da beleza crista da família não “ao lado” ou “acima” da sua consistência humana, mas imergindo plenamente na trama articulada de suas relações. Nesse sentido, as páginas do capítulo IV são exemplares; nelas o papa comenta o hino à caridade de 1Cor 13, referindo-se às diversas situações cotidianas do amor conjugal e familiar; igual beleza pode ser encontrada nos parágrafos em que descreve com admiração aquilo que a mulher vive nos meses de gravidez, reconhecendo esse período como espaço de uma preciosa experiência espiritual (AL 168-171). Na base desse estilo expressivo de linguagem, existe o reconhecimento de que a “carne” do homem, a realidade frágil de sua existência pessoal, é o espaço no qual se pode encontrar o mistério de Deus, o lugar no qual podemos discernir a passagem do Espírito. Se trata de uma atitude que, intencionalmente, evita os atalhos espiritualistas e moralistas que conduzem a apresentar o matrimônio com fórmulas idealizadas e linguagens artificiais (AL 35-37).

Para isso, no entanto, “exige-se a toda a Igreja uma conversão missionária: é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas. A pastoral familiar deve fazer experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade. Não se trata apenas de apresentar uma normativa, mas de propor valores, correspondendo à necessidade deles que se constata hoje, mesmo nos países mais secularizados” (AL 201).

Deste modo, o papa oferece uma grande lição pastoral: não podemos cair na ilusão de que sabemos comunicar o Evangelho do matrimônio somente porque tecemos-lhe grandes elogios e utilizamos as mais altas imagens que as Escrituras nos oferecem. Separadas da humilde contemplação do cotidiano até as expressões mais ricas podem tornar-se fórmulas retóricas e símbolos vazios. A analogia, real e imperfeita, que existe entre o pacto conjugal e a aliança de Deus com o seu povo, de Cristo com a Igreja (Ef 5), assim como a

afirmação de que a família é a “igreja doméstica” ou “imagem da trindade” não podem ser utilizadas como se fossem simplesmente definições prontas.

Essas expressões, na verdade, são o ponto de chegada de um trabalho cuidadoso de compreensão das dinâmicas familiares, assim como o papa nos ensina a fazer, através da narração da vida que, de modo algum, podem ser ignorada ou vista somente superficialmente. Somente germinando nessas narrativas, aquelas imagens podem exprimir de modo convincente o potencial de significado que portam em si e podem se tornar uma luz para descobrir o Mistério que habita o amor conjugal.

À esta escolha de estilo expressivo, que visa profundidade, mas evita idealizações, corresponde a escolha de um estilo pastoral que privilegia o desabrochar de processos de acompanhamento (“Não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projetos pastorais; para que as famílias possam ser sujeitos cada vez mais ativos da pastoral familiar, requer-se «um esforço evangelizador e catequético dirigido à família, que a encaminhe nesta direção” AL 200) ao invés de uma lógica de aplicação de esquemas e normas (“o tempo é superior ao espaço”, ou seja, é necessário “gerar processos mais do que dominar espaços” cfr. AL 3 e 261). Essa é a segunda chave de leitura que gostaria de me debruçar brevemente. Já na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco havia falado amplamente de acompanhamento:

Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o «cheiro das ovelhas», e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a «acompanhar». Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações. (EG 24)

De formal alguma, se trata de uma renúncia a propor a verdade do evangelho com o objetivo de não contrariar a sensibilidade atual ou para satisfazer ideologias mundanas (AL 35). Se trata, ao contrário, da atitude do próprio Jesus que reconhece que as pessoas, com suas difíceis histórias, nunca são apenas um caso enquadrado em uma lei universal. Por isso, diante das questões mais complexas e mais discutidas, o Papa mostra a necessidade de uma mudança de abordagem. Certas respostas nunca poderão ser encontradas se não formos capazes de modificar, à luz de uma revisão evangélica, o nosso modo de formular a pergunta. A pretensão de soluções normativas que devem ser simplesmente aplicadas aos casos particulares ou a superficialidade de um “bonachão” permissivo que não sabe reconhecer as diferenças e iluminar para a responsabilidade, são, realmente, somente uma

outra face da visão abstrata do matrimônio, cuja clareza é completamente distante da realidade.

Quando, no entanto, as fórmulas do pensamento se preenchem de conteúdos pessoais e quando “descemos” do ponto de vista universal para as situações particulares, acontece, segundo o autorizado pensamento de Santo Tomás, o exercício daquele sabedoria prática chamada prudência: uma sabedoria que não se limita a deduzir, mas é a arte evangélica de discernir. Qualquer atalho é estranho a este estilo de pastoral: tanto as fugas idealizantes de um pensamento que perde o contato com a realidade quanto as “receitas simples” de uma prática pastoral que imagine resolver todos os problemas rapidamente, sem o exigente esforço do acompanhamento.

3. A INTENÇÃO DE FUNDO: UMA IGREJA MAIS FAMILIAR

Identificadas estas duas chaves de leitura, podemos tentar trazer à tona o que parece ser a intenção de fundo de AL. Essa exortação apostólica, como já foi dito, não procura dar uma nova imposição normativa para as soluções dos problemas, mas indicar as estradas pelas quais ativar novos processos. Tais processos podem ser resumidos essencialmente na expressão de que devem convergir no favorecimento de um rosto mais “familiar” da Igreja. Como afirma AL no número 87:

A Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas. Assim, ‘em virtude do sacramento do matrimônio, cada família torna-se, para todos os efeitos, um bem para a Igreja. Nesta perspectiva, será certamente um dom precioso, para o momento atual da Igreja, considerar também a reciprocidade entre família e Igreja: a Igreja é um bem para a família, a família é um bem para a Igreja. A salvaguarda deste dom sacramental do Senhor compete não só à família individual, mas a toda a comunidade cristã’

Isso significa que por um lado a instituição eclesial deve inclinar-se mais “às medidas da família”, de modo que possa realizar melhor sua imagem de “povo de Deus” que caminha na história; por outro lado, as famílias devem descobrir na comunidade eclesial o espaço vital no qual viver a própria história, superando a forte tentação de fechar-se na dimensão privada a qual a nossa cultura atual nos expõe. Portanto, trata-se de um duplo movimento (da comunidade eclesial para a família e da família à comunidade), do qual devemos agora precisar o significado.

No primeiro aspecto, as diferentes instituições eclesiais devem fazer todos os esforços para corrigir a tendência a estruturar-se como “agências de serviços religiosos”, nas quais os operadores, também qualificados e generosos, gastam as suas energias. Se a paróquia ou outras instituições da

igreja se tornam estruturas burocráticas, separados do povo ou um grupo de pessoas que se fecha em si mesmo, podem haver serviços eficientes, mas não aquela rede de comunhão, de encontro, de testemunho, que é o sinal da presença o Senhor e da ação do seu Espírito. Esta "reforma" da *forma ecclesiae* para o qual todas as nossas estruturas são chamadas, não pode nascer de uma escrivãzinha, nem pode ser apenas o resultado de decisões de um pastor ou uma comunidade religiosa. Para que ela realmente aconteça, em benefício das famílias, deve ser feita junto com elas, envolvendo a sua sensibilidade, tendo em conta as suas necessidades, habitando em suas linguagens.

Estamos cientes de que recolocar a família no centro da atenção da Igreja é muito mais exigente e complexo do que a simples busca de soluções para os casos mais difíceis de consciência ou as situações mais delicadas. Uma abordagem global renovada de como a Igreja se relaciona com as famílias é, de fato, a condição fundamental para se ler mais profundamente as dificuldades e problemas que pesam sobre elas e encontrar com o paciente e sério discernimento as formas evangélicas e os estilos espirituais do acompanhamento.

O processo ao qual o Papa convida-nos consiste, portanto na *necessidade de recuperar um cristianismo "doméstico"*, que habite em nossas casas e dê forma aos laços que se vivem nela: a insistência do Papa Francisco sobre a aliança entre as gerações, sobre o tesouro que os avós podem transmitir aos netos, sobre os cuidados que devemos ter para os mais fracos e mais frágeis vai precisamente neste sentido. Ele afirma: "A sabedoria dos afetos que não se compra e não se vende é o melhor talento do gênio familiar. Precisamente em família aprendemos a crescer naquela atmosfera de sabedoria dos afetos. A sua «gramática» aprende-se ali, caso contrário é muito difícil aprendê-la. E é exatamente esta a linguagem através da qual Deus se faz compreender por todos. "(Catecismo de 2 de Setembro de 2015).

Ou a fé toma novamente corpo naquela rede de relações que tem no pacto nupcial entre homem e mulher nupcial o seu eixo fundamental, ou tende a rebaixar-se apenas como uma ideia, inspiração, mensagem, mas não como acolhida da vida divina que se doa "em circulação "entre nós. Por esta razão, a Igreja não pode cumprir a sua missão se não inclui as famílias; ainda mais se não assume em si mesma os traços da comunhão familiar.

O segundo aspecto, que espelha o primeiro, consiste na exigência de que a comunidade eclesial convide as famílias, de modo sempre mais corajoso e atraente, a sair do isolamento para o qual lhes impele a cultura individualista na qual estamos imersos, ajudando-as a se abrir para a experiência de partilha, de hospitalidade, de comunidade. Uma família isolada, na verdade, é uma família enfraquecida.

Nas sociedades ocidentais, a família está experimentando um forte impulso à marginalização. Esta já não é reconhecida como o fundamento a partir da qual se ergue a sociedade, mas é representada como um subsistema afetivo, em que se vive a própria *privacy*. Desse modo, a família é espoliada de sua tarefa de iniciação a leitura da realidade, de realizar o processo de transmissão de cultura e de fé. Se na sociedade tradicional a iniciação à vida acontecia através da escuta dos pais, hoje acontece em escala maior, através da forma da comunicação midiática, em relação a qual a família é excluída e enfraquecida.

A sociedade pós-moderna é organizada para incentivar ao máximo possível a autonomia individual no acesso a informações e decisões. É a vitória de um estilo de vida individualista em relação à dinâmica de trabalho e finanças. Se a família cede a este retorno do “privado”, a se pensar “por si mesma”, a sonhar-se romanticamente como um casal feliz no próprio bem-estar, ela já está derrotada desde o início. Sua vocação, no entanto, é “introduzir a fraternidade no mundo” (cf. AL 194). É necessário, ajudar a família a construir comunidade, a interagir com outras famílias, a ser aberta para o sofrimento e necessidades dos outros, a promover formas concretas de ajuda e testemunho nas várias esferas da vida social. O amor que circula na família deve, então, ser colocado a serviço de terceiros: só desta forma é preservado na sua frescura e verdade.

A passagem com que a singular instituição eclesial se torna menos “agência de serviços” e mais comunidade e o caminho com que a família se torna menos “casal privado” e mais rede de famílias em comunhão só pode ser alcançado em conjunto. Assim, quando AL afirma em “a Igreja é um bem para a família e a família é um bem para a Igreja” não usa simplesmente uma fórmula de efeito, mas recolhe em uma síntese impressionante o núcleo deste duplo movimento. Compreender bem as articulações e traduzi-las em opções pastorais claras é o trabalho que nos espera. Reaídas não faltam e são decisivas.

Tomemos, por exemplo, o que significa a ligação Igreja-família para os caminhos de preparação ao matrimônio, que no imaginário coletivo continuam a aparecer como a oferta que uma agência religiosa oferece aos casais que vivem principalmente em um muito “privado” o itinerário que conduz ao matrimônio. Para que a comunidade cristã seja verdadeiramente um “útero” de famílias que nascem a partir do sacramento do matrimônio, e não apenas o contexto em que se assiste a um curso preparatório, é necessária uma conversão pastoral que envolve muita reflexão, criatividade e generoso esforço.

4. O ACOMPANHAMENTO DAS FAMÍLIAS EM ESTILO SALESIANO

As orientações pastorais do papa sobre o acompanhamento das famílias estão, sem dúvidas, muito próximas da nossa sensibilidade pedagógica salesiana, que nos leva a encontrar as pessoas no ponto em se encontra a sua liberdade, para ajudá-las a caminhar à luz do Evangelho. Toda a lógica dos "processos eclesiais" mencionados pelo papa é em última instância uma lógica educativa. Por outro lado, a questão da educação é explicitamente abordada na AL, em especial no capítulo VII, intitulado "Reforçar a educação das crianças", o que, no entanto, não me parece necessário comentar aqui. Parece-me mais útil destacar alguns elementos que nos permitem colocar em prática os sinais de AL no interior da Família Salesiana.

4.1. A comunidade educativo-pastoral como espaço e sujeito.

O primeiro elemento consiste em assumir com profunda convicção a figura de Igreja familiar que o Papa exorta-nos a viver em nossos ambientes. A Família Salesiana tem que ser um espaço em que as instituições eclesiais se coloquem em saída, para acompanhar o povo de Deus, e onde as famílias podem encontrar centros de agregação, de encontro, de comunhão de fé e de oração, de construção de redes educativas, de proposta de evangelização.

Penso que, para nós, Família Salesiana, trabalhar a serviço da família de acordo com o modo típico de nosso carisma significa, antes de tudo, facilitar em nossos ambientes o duplo movimento comentado anteriormente. A natureza educativa do nosso carisma já se apresenta, sem qualquer esforço, como um espaço adequado para que este duplo movimento aconteça. Muitas famílias já estão conosco, confiando-nos seus filhos, suas histórias e seus problemas. A realização de uma dinâmica de verdadeiro encontro e envolvimento, no entanto, nunca é automática. Nós também podemos correr o risco de prestar serviços sem encontrar as pessoas; de oferecer espaços, mas não promover a comunhão; de pensar projetos para os outros, mas não com os outros.

É necessário, então, que nossas obras sejam realmente comunidades fraternas de discípulos e testemunhas, em que os diversos estados de vida se reúnem para testemunhar a presença do Senhor em benefício dos jovens. E esta é precisamente a visão eclesiológica mais correta da CEP (comunidades educativo-pastorais) como um modo de atuação do Povo de Deus que se reúne em torno de uma proposta carismática, e não simplesmente como uma organização que se estrutura para otimizar seu próprio desempenho.

A CEP deveria ser o espaço no qual pensamos o nosso serviço à família; e os membros da Família Salesiana deveriam ser a força motriz para construí-la como um corpo vivo, de modo a facilitar a entrada de todas as famílias que se relacionam conosco nesta dinâmica de comunhão, que realiza o rosto da Igreja em um lugar específico e torna possível a sua missão. Uma CEP em que se respira um clima evangélico alegre e uma comunhão de ações, não

nasce apenas em uma reunião de meia hora. Ela só pode ser o fruto de energias que se deixam mover pela força do carisma, ou seja, pelo poder do Espírito Santo que faz presente em nós o estilo de santidade de Dom Bosco. Por haver pessoas e lugares a disposição para nosso acompanhamento, este é o presente que muitas famílias esperam de nós. A CEP, assim entendida, é, portanto, o espaço e a forma do nosso acompanhamento às famílias.

Igreja → Família CEP Família → Igreja



A subjetividade pastoral da família, já instituída pelo Concílio e reafirmada fortemente pela AL, deve ser assumida de modo especial pelos leigos que fazem parte de movimentos e associações eclesiais, como o são, de modos diversos, os membros da FS. Já conhecemos experiências interessantes, que podem variar desde o nível mais simples e popular de famílias amigas de Dom Bosco, que se reúnem sob a bandeira de seu carisma para sustentar-se na fé; a outros que se envolvem diretamente na pastoral familiar das igrejas locais. Envolver as famílias que estão inseridas de diferentes maneiras na FS para construir redes familiares em nossas instituições é, certamente, um dos desafios que nos espera, e uma das potencialidades pastorais mais rico que temos.

A este respeito, podemos nos perguntar também sobre a contribuição que a experiência de leigos casados oferece ao desenvolvimento e à compreensão do sistema preventivo. Um pai ou uma mãe possuem uma sensibilidade em relação à educação que é distinta e complementar à dos consagrados. Portanto, é importante evitar que os papéis e os carismas sejam nivelados. Corre-se esse risco quando prevalece uma visão de CEP de molde social em que estão em primeiro plano os papéis a serem preenchidos, em vez da partilha profunda da fé e da missão. Neste sentido, a nova eclesiologia do Vaticano II deveria fazer da CEP uma experiência vivificante de reciprocidade entre o casamento e virgindade, entre a família e a comunidade religiosa.

4.2 Uma renovada cultura afetiva e familiar

Muitas vezes a crise da família induz a uma atitude de resignação em nossas comunidades. É comum ouvirmos agentes pastorais (catequistas, educadores, professores, etc.) que se queixam porque as famílias não ajudam na educação, não cooperam na transmissão da fé, e assim por diante. Às vezes, pode ser que estejamos paralisados pela sensação de que as coisas simplesmente são assim e não podemos fazer nada. Esta atitude psicológica e espiritual é muito perigosa e precisa ser corrigida com vigor.

Para corrigi-la é preciso um esforço de formação, que ajude a ir além, na tentativa de compreender as razões que estão na origem da crise, ou seja, as razões que correm o risco de fazer com que a mensagem cristã pareça “estranha” à cultura afetiva de hoje. Todos nós encontramos, em algum momento, jovens e adultos que não conseguem sequer levar em consideração aspectos que consideramos muito importantes para uma boa vida afetiva. A maneira como olham para o corpo, a sexualidade, a vida a dois, o matrimônio... parecem não ter quase nada em comum com a linguagem usual da pregação cristã.

Em outras palavras, a sua cultura, ou seja, o conjunto de representações simbólicas com que a olham a vida, corre o risco de tornar-se impermeável à linguagem cristã. Isto deriva do fato de que a cultura afetiva prevalecente traz consigo, para além de aspectos indubitavelmente positivos, distorções perigosas e ambiguidades graves. A dificuldade é, então, que o evangelho pede sempre a cada um de nós uma conversão que é motivo de escândalo e para a qual o nosso coração resiste. Mas a dificuldade nasce também - temos de reconhecer francamente – do fato que a linguagem que muitas vezes nosso anúncio se expressa foi preparada com categorias e modelos que fizeram referência a um outro horizonte cultural, que não existe mais ou está muito alterado.

Pensemos, tipicamente, no fenômeno da coabitação pré-matrimonial, que em muitas áreas do Ocidente se tornou o modo "normal" para chegar a construir uma família. Dizer aos jovens que esta maneira de construir a relação não é moralmente boa é necessário, mas, obviamente, não é suficiente. Também estar ao seu lado com simpatia e cultivando belas relações é necessário, mas não suficiente. Para alcançar um verdadeiro "acompanhamento" precisamos entender a partir de dentro da cultura jovem do corpo, dos afetos, da sexualidade e ativar processos pedagógicos de anúncio que tornam acessível à consciência pessoal a beleza e o encanto do Evangelho.

Hoje, as dificuldades da família são uma das principais expressões da separação entre fé e cultura mencionada por Paulo VI. O caminho de reflexão que a Igreja tem feito desde o Concílio revela que esta quer reagir à crise não através do caminho da denúncia ou da queixa, mas através de um esforço generoso de proximidade e reflexão profunda. Esta é a via que também nos adentramos com coragem e em todos os níveis. Dom Bosco, estando no meio dos jovens, foi capaz de compreender-lhes a partir de dentro de seu mundo e propor-lhes a fé em formas adequadas, através de processos que valorizavam suas necessidades positivas e preveniam suas dificuldades. Não podemos pensar de enfrentar os desafios afetivos do nosso tempo sem possuir a mesma coragem e a mesma desenvoltura.

4.3. Algumas áreas a privilegiar

A nossa contribuição à vida das famílias deve, necessariamente, favorecer as áreas típicas de nosso carisma, ou seja, os âmbitos da educação e da pastoral juvenil. Entre estes se ressaltam sobretudo alguns aspectos, nos quais é mais evidente a relação com a dinâmica da vida familiar e nos quais é mais urgente o investimento das energias da FS.

— Educação sexual e afetiva dos jovens.

O papa Francisco, dirigindo-se aos Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, durante a visita pastoral a Turim, recomendou especialmente este ponto, considerando-o particularmente expressivo em nosso carisma. Todos estamos conscientes do quão urgente é trabalhar sobre um tema tão difícil e delicado. AL dedica alguns parágrafos significativos (280-286) que devem ser lidos com muita atenção. Entre outras coisas, o texto diz: "O Concílio Vaticano II apresentava a necessidade de «uma educação sexual positiva e prudente» oferecida às crianças e adolescentes «à medida que vão crescendo» e «tendo em conta os progressos da psicologia, pedagogia e didática». Deveríamos perguntar-nos se as nossas instituições educativas assumiram este desafio." (AL 280).

A educação afetiva implica antes de tudo o testemunho de vida e uma sábia atitude; e não pode ser reduzida à instrução a ser oferecida em qualquer dimensão, nem a implementação de algum projeto almejado. Não pode ser nem mesmo fruto de improvisação, ou limitar-se simplesmente a alguns bons conselhos quando necessário. As mudanças socioculturais que ocorreram nos últimos anos certamente exigem mais; até mesmo a assimilação da identidade sexual hoje é dificultada por uma cultura que tende a apresentá-la como o resultado de escolhas arbitrárias. No mundo escolar, por exemplo, cada vez mais se difundem percursos de educação sexual de orientação antropológica e de valores duvidosos.

Acredito que seria necessário de nós um sério investimento cultural nesta área delicada para aproveitar melhor os recursos pedagógicos e teológicos que temos e, desse modo, procurar elaborar propostas específicas a serem implementadas ao menos dentro de nossas instituições.

— O acompanhamento dos jovens ao matrimônio.

É uma área que requer uma atenção muito diversificada, conforme os contextos culturais. No Ocidente, a idade de acesso ao matrimônio já não é estritamente "juvenil". Aqueles que frequentam os percursos pré-matrimoniais, muitas vezes têm mais de trinta anos e, normalmente, convivem há muito tempo e já tem um ou mais filhos. Em outras sociedades, no entanto, o casamento continua a ser uma etapa atingida em uma idade jovem, mesmo que se coloquem alguns problemas pastorais relacionados com a liberdade na escolha do cônjuge, a importância social da fertilidade, o valor do *mariage coutumier* e outros, que solicitam uma atenção substancial.

A educação para o conceito cristão de paternidade e maternidade requer um compromisso ainda mais especial, reagindo às muitas distorções culturais que pesam sobre a parentalidade. Sabemos, por exemplo, como no mundo ocidental tem havido uma pressão ideológica muito forte para considerar a maternidade como um limite para a mulher, assim como continua uma obstinada contestação à figura do pai, esvaziado de suas características simbólicas. Estes temas certamente não podem estar ausentes de uma pastoral juvenil qualificada e atenta aos desafios da cultura juvenil.

— *O trabalho pastoral com as famílias que entram em relação com nossas obras.*

Algumas famílias solicitam o nosso serviço educativo motivadas por uma sincera adesão ao projeto educacional cristão e salesiano; para outros, o contato com as nossas obras é a única ou quase única forma de relacionamento com a comunidade eclesial. Nestes casos, a nossa proposta educacional é uma ponte delicada para que a vida familiar seja iluminada pela luz do Evangelho: enquanto acompanhamos os filhos em seu crescimento, acompanhamos também o caminho das suas famílias, entrando em contato com suas riquezas, suas fadigas e seus dramas.

Precisamos refletir, então, sobre a maneira pela qual, através do serviço educativo, podemos contribuir para a evangelização da família, permitindo os processos de inclusão e suporte sobre os quais o papa Francisco tanto insiste. Ajudar as famílias a sair do isolamento em que são confinadas pela cultura individualista de hoje, a fim de construir redes familiares verdadeiros, é certamente uma das contribuições mais significativas que as nossas obras podem oferecer em termos de uma pastoral renovada.

— *Pensar a pastoral juvenil em termos “generativos”.*

A redescoberta do papel fundamental que a família tem para a transmissão da fé - que ocorre não apenas em termos de "crença", mas também de laços, pertença, reconhecimento em um horizonte simbólico, enraizamento em uma experiência que nos precede – solicita que a pastoral juvenil pense o papel da comunidade eclesial em termos de "geração". Se a modernidade levou-nos a pensar a educação sobretudo em termos de desenvolvimento (autonomia) do indivíduo, a perspectiva familiar nos recorda que a educação é uma extensão do ato gerador: por isso é testemunho dado através da qualidade dos laços familiares, é um sábio exercício de paternidade e maternidade espiritual, é uma introdução ao todo da experiência, e não apenas aos seus significados parciais e penúltimos.

Uma verificação sobre estas questões, nos permitirá estar mais perto da experiência das famílias e também à luz original do carisma de Dom Bosco, que é riqueza que nós partilhamos como Família Salesiana.

